

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

MARIANA CESTARI MARCHEZANI

A CRIAÇÃO DO CONSÓRCIO DE IMPRENSA NA PANDEMIA DE COVID-19:
IMPORTÂNCIA PARA A DEMOCRACIA E O JORNALISMO BRASILEIRO

BAURU

2021

MARIANA CESTARI MARCHEZANI

A CRIAÇÃO DO CONSÓRCIO DE IMPRENSA NA PANDEMIA DE COVID-19:
IMPORTÂNCIA PARA A DEMOCRACIA E O JORNALISMO BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos
requisitos para obtenção do título de
bacharel em Jornalismo - Centro
Universitário Sagrado Coração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Liliane de
Lucena Ito

BAURU

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M316c	<p>Marchezani, Mariana Cestari</p> <p>A criação do consórcio de imprensa na pandemia de Covid-19: importância para a democracia e o jornalismo brasileiro / Mariana Cestari Marchezani. -- 2021.</p> <p>45f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dra. Liliane de Lucena Ito</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Consórcio. 2. Democracia. 3. Imprensa. 4. Informação. 5. Jornalismo. I. Ito, Liliane de Lucena. II. Título.</p>
-------	--

Elaborado por Lidyane Silva Lima - CRB-8/9602

Dedico este trabalho às vidas perdidas pela Covid-19 nos anos de 2020 e 2021, bem como ao trabalho dos jornalistas brasileiros em buscar as informações em um momento tão complexo na história do país.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais que me deram a oportunidade de realizar uma graduação em uma área do meu interesse. Sou grata aos meus amigos por sempre me apoiarem. Agradeço à minha orientadora, Liliane, por acreditar no meu potencial desde o começo, me incentivando a não desistir da ideia inicial. Também quero agradecer à professora Daniela Bochembuzo, por ter me motivado desde o início do curso a superar meus desafios e fazer o trabalho de jornalista com êxito.

Um agradecimento especial a todos os jornalistas que me ajudaram durante o processo de produção da reportagem hipermídia, se colocando à disposição para entrevistas e auxiliando no contato com as fontes.

“O maior serviço que uma imprensa livre pode prestar a um povo livre é agir como um freio constante sobre o governo e as autoridades.”

(BRADLEY, 1965, p. 75)

RESUMO

Este relatório de fundamentação teórica analisa a criação do consórcio dos veículos de imprensa G1, Folha de São Paulo, Estadão, Extra, O Globo e UOL com o intuito de buscar transparência nos dados da Covid-19. O trabalho tem como princípio o desenvolvimento de uma reportagem digital a fim de discutir a importância do consórcio para a democracia e o jornalismo brasileiro a partir de entrevistas com profissionais da área. A questão que norteia a pesquisa é o que o consórcio representa para o jornalismo brasileiro e para a democracia, quando pensado a longo prazo. Um dos objetivos da pesquisa é investigar se o consórcio de imprensa contribuiu para dar mais credibilidade aos jornalistas brasileiros. Para tanto, esse estudo tem como justificativa maior visibilidade ao papel dos jornalistas durante a pandemia, além de questionar as devidas razões do governo não dar a real importância para esse momento pandêmico que o mundo todo está vivendo. Para a realização do projeto, utiliza-se das pesquisas documental e bibliográfica para desenvolver a base teórica e o método de entrevista jornalística para a execução da reportagem digital.

Palavras-chave: Consórcio. Democracia. Imprensa. Informação. Jornalismo.

ABSTRACT

This research project analyzes the creation of a consortium of press vehicles G1, Folha de São Paulo, Estadão, Extra, O Globo and UOL in order to seek transparency in Covid-19's data. The project's principle is the development of a digital report in order to discuss the importance of the consortium for democracy and Brazilian journalism, based on interviews with professionals in the field. The question that guides the research is what the consortium represents for Brazilian journalism and for democracy when considered in the long term. One of the objectives of the research is to investigate whether the press consortium contributed to giving more credibility to Brazilian journalists. Therefore, this study is justified by greater visibility to the role of journalists during the pandemic, in addition to questioning the proper reasons why the government does not give real importance to this pandemic moment that the whole world is experiencing. To carry out the project, documentary and bibliographic research are used to develop the theoretical basis and the journalistic interview method for the execution of digital reporting.

Keywords: Consortium. Democracy. Press. Information. Journalism.

Figura 1 – Média de mortes por Covid-19.....	13
Figura 2 – Confiabilidade da população nos diferentes canais de mídia, quando se trata de dados sobre a pandemia	30
Figura 3 – Layout utilizado para o produto midiático	38
Figura 4 – Captura de tela do site da reportagem.....	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.2	QUESTÃO PROBLEMA	14
1.3	HIPÓTESE	15
1.4	OBJETIVOS	15
1.4.1	Objetivos específicos	15
1.5	JUSTIFICATIVA	15
1.6	METODOLOGIA	17
1.7	ESTRUTURA DO TRABALHO	18
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1	IMPrensa E GOVERNO: UMA RELAÇÃO DE AMOR E ÓDIO?	19
2.2	PODER PÚBLICO CONTRA IMPrensa	21
2.3	A COMUNICAÇÃO DIGITAL: O QUINTO PODER?	24
2.4	JORNALISMO COLABORATIVO: O CONSÓRCIO DE IMPrensa NA PANDEMIA DE COVID-19	27
2.5	JORNALISMO EM PROL DA INFORMAÇÃO E DA DEMOCRACIA	29
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
3.1	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	32
3.2	PESQUISA DOCUMENTAL	33
3.3	TÉCNICAS JORNALÍSTICAS	33
4	DESCRIÇÃO DO OBJETO	36
4.1	PLATAFORMA E IDENTIDADE VISUAL	36
4.2	FONTES ENTREVISTADAS	37
4.3	RECURSOS MULTIMÍDIA	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

Este relatório de fundamentação teórica buscou analisar a criação do consórcio dos veículos de imprensa - G1, Folha de São Paulo, Estadão, Extra, O Globo e UOL - com o intuito de dar transparência aos dados da COVID-19. O trabalho de conclusão de curso teve como princípio o desenvolvimento de uma reportagem multimídia a fim de discutir a importância do consórcio para a democracia e o jornalismo brasileiro a partir de entrevistas com profissionais da área. A reportagem pode ser visualizada através deste link: <https://readymag.com/consorciodeimprensa/3057395/>. O recomendado é acessá-la por desktop.

O tema em questão é abordado, desde março de 2020 até novembro de 2021, diariamente, na mídia pelos veículos envolvidos. É possível encontrar estudos acadêmicos relacionando a divergência dos dados divulgados pelo consórcio de imprensa e da Secretaria da Saúde do Rio Grande do Norte, por exemplo. Entretanto, o significado dessa união dos veículos para o jornalismo ainda não foi estudado e essa é a proposta de pesquisa deste trabalho.

De acordo com o dicionário online da língua portuguesa (Dicio), a palavra pandemia é classificada por doença infecciosa e contagiosa que se espalha muito rapidamente e acaba por atingir uma região inteira, um país, continente etc. Pandemia é uma epidemia que se espalha geograficamente, saindo do seu lugar de origem. O COVID-19, popularmente conhecido como coronavírus, originou-se na China e foi sendo transmitido rapidamente ao redor do mundo.

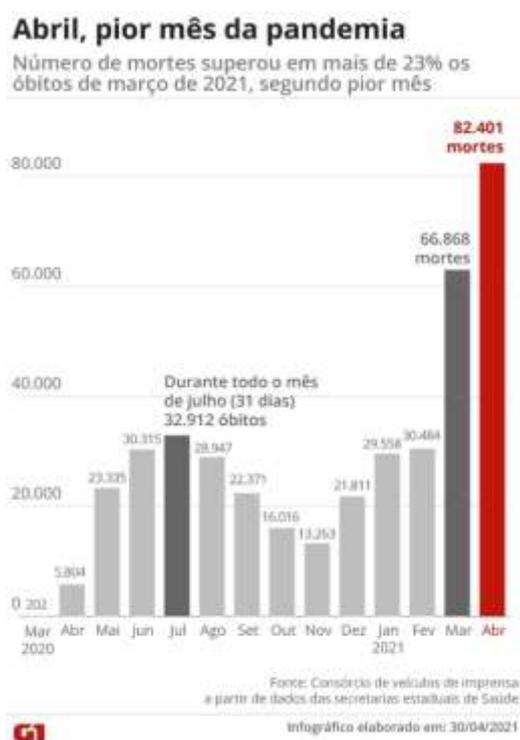
O primeiro caso de COVID-19 no Brasil foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020 e até os dias atuais, abril de 2021, o país se encontra na pandemia. Enquanto a saúde pública estava começando a entrar em colapso, o governo federal não divulgava os dados corretos sobre o número de casos e até mesmo óbitos ocasionados pela doença. O presidente Jair Bolsonaro duvidava da gravidade do COVID-19 publicamente, fazendo com que parte da população chegasse a acreditar que era apenas uma “gripezinha” também. (G1, 2020).

Aos poucos o Ministério da Saúde passou a publicizar apenas os dados diários de casos e óbitos, sem apresentar o total acumulado até então. Em seguida, passou a divulgar esses números cada vez mais tarde, começando a

divulgar às 19h, depois 20h e até 22h, quando todos os jornais já haviam encerrado a programação e não noticiariam ao vivo. (FOLHA, 2020).

Com essas divulgações atrasadas e sem mostrar o dado correto, em busca do direito à informação os veículos G1, Folha de São Paulo, Estadão, Extra, O Globo e UOL se juntaram a favor da democracia e criaram o consórcio de imprensa. No dia 8 de junho de 2020 eles passaram a noticiar o próprio boletim diário com o número de casos e óbitos, coletados pelos veículos em secretarias da saúde, neste dia, o país teve 849 mortes. Já na atualidade, novembro de 2021, Brasil já registrou 614.754 óbitos pela doença.

Figura 1 – Média de mortes por Covid-19.



Fonte: Portal G1.

É possível afirmar a importância dessa ação dos jornalistas ao parafrasear Duane Bradley em seu livro “A imprensa: a sua importância na democracia” (1965, p.14), a liberdade de imprensa não significa apenas que os jornais têm liberdade de existir, mas, também têm liberdade de averiguar e publicar todas as notícias e é isso que os veículos estão fazendo: lutando pela verdade.

Entretanto, essa união dos jornalistas no Brasil não é de hoje. O livro A Rede da Democracia, escrito por Aloysio Castelo de Carvalho, ilustra que entre

os anos de 1963 e 1964 os veículos O Jornal, Jornal do Brasil e O Globo se uniram para uma pauta em comum: a defesa do nacionalismo contra o comunismo, somada a insatisfação da população com o presidente da época, João Goulart. A chamada Rede da Democracia era publicada diariamente pelos três jornais e ajudou a enfraquecer o governo de Jango e dar início ao golpe militar.

Além disso, na década de 1980, por exemplo, os jornalistas decidiram lutar pelo direito à comunicação depois das Leis de Imprensa e de Segurança Nacional terem sido revogadas no Congresso para convocação da Constituinte.

O Direito Social à Comunicação deve ser considerado indissociável da construção de uma sociedade democrática, tanto quanto outros direitos [...] A nova Constituição, além de consagrar o direito da sociedade à comunicação, deve também garantir as condições que assegurem a aplicação desse princípio. [...] Deve ser garantido, também, o pleno e livre acesso de todos os setores aos meios de comunicação para informar, serem informados e se auto-expressarem. (PEREIRA, 1993, p. 31).

O compromisso do jornalista é com a verdade. E a partir do livro *Imprensa e Sociedade Brasileira* (2011), dos autores Célio Losnak e Maximiliano Vicente, compreende-se que as publicações jornalísticas são produzidas pela sociedade brasileira e intervêm nessa mesma sociedade, contribuindo para a sua formação. Além disso, entende-se que o século 20 foi o momento em que o campo jornalístico se constituiu como lugar de fala e reconhecimento, instaurando o profissionalismo em torno do ser – e do fazer – jornalismo. (2011, p.17). Já no século 21, desafios da tecnologia são enfrentados: a rápida transmissão de dados faz com que informações falsas sejam circuladas com mais facilidade, isso atrapalha o trabalho da imprensa que deseja apenas compartilhar os fatos. Junto a isso, com o surgimento de blogs, qualquer pessoa com internet tem o direito de publicar textos e opiniões.

Desde o início da pandemia o governo de Jair Bolsonaro foi alvo de críticas, seja nacional ou internacionalmente, em contrapartida os jornalistas brasileiros foram ganhando força com as atualizações de casos. Os jornais da rede Globo decidiram ampliar o tempo de cobertura: o *Bom Dia* e *Bom Dia Brasil*

tinham 30 minutos a mais, o *Jornal Hoje* foi estendido até as 15h. Com essas mudanças, os jornais regionais e nacionais passaram a ter duração de 2 horas, fazendo com que a população desse maior atenção ao crescimento dos casos de coronavírus. (UOL, 2020, on-line).

De acordo com a reportagem realizada pelo jornal Extra, para Marcelo Rech, presidente da Associação Nacional de Jornais (ANJ), a união dos veículos é uma evidência da relevância do caráter insubstituível do jornalismo profissional diante da falta de informações oficiais. Em contrapartida, o presidente da ANJ afirma que isso só influencia no desgaste do governo no exterior: “O Brasil é o único país do mundo onde os veículos tiveram que se unir para trazer informações fidedignas sobre o que está ocorrendo com a pandemia. É lamentável que isso esteja acontecendo”. (EXTRA, 2020).

Em reportagem realizada pelo G1 para divulgar a criação do consórcio, o diretor de jornalismo do Grupo Estado afirma: “É triste ter que produzir esse levantamento para substituir uma omissão das autoridades federais. Transparência e honestidade deveriam ser valores inabaláveis na gestão dessa pandemia. Vamos continuar cumprindo nossa missão, que é informar a sociedade”. (G1, 2020).

Sendo assim, esse trabalho de conclusão de curso busca analisar se as mais de 200 mil mortes pelo coronavírus somadas ao descaso do presidente da República em dificultar a visibilidade deram força ao jornalismo brasileiro, visto que Jair Bolsonaro se intimidou cada vez mais com a atitude dos jornalistas em buscar a transparência do governo. É de grande importância analisar se esse descaso dos presidentes do Brasil com a imprensa é algo atual ou não. E essas etapas da pesquisa serão descritas no decorrer dos capítulos seguintes.

1.2 QUESTÃO PROBLEMA

A partir do contexto apresentado, questiona-se: o que o consórcio, criado pelos veículos de imprensa durante a pandemia de COVID-19, representa para o jornalismo brasileiro e para a democracia, quando pensado a longo prazo?

1.3 HIPÓTESE

O consórcio de imprensa, ao realizar a função do Governo, que seria a atualização dos dados do coronavírus, faz com que os jornalistas retomem a credibilidade que estava sendo perdida perante a população brasileira.

1.4 OBJETIVOS

A partir da hipótese elaborada, dá-se o objetivo geral do projeto de pesquisa: produzir uma reportagem digital a fim de analisar a importância do consórcio dos veículos de imprensa criado durante a pandemia de COVID-19 para o jornalismo brasileiro.

1.4.1 Objetivos específicos

- Investigar o significado do consórcio de imprensa para a democracia;
- Entrevistar jornalistas para compreender a visão dos profissionais a
- Respeito da criação do consórcio de imprensa;
- Observar os reflexos que isso pode trazer ao jornalismo brasileiro e se
- Promove maior credibilidade à profissão.

1.5 JUSTIFICATIVA

Este trabalho de conclusão de curso tem importância ao dar maior visibilidade ao papel dos jornalistas em lutar pela verdade. Visto os pontos citados na introdução desta pesquisa, é possível analisar que o governo de Jair Bolsonaro não estava divulgando os dados corretos no início da pandemia, até descredibilizando a doença publicamente, então os veículos de comunicação se juntaram para informar a população da maneira certa. Do ponto de vista da sociedade, esse acontecimento se mostra fundamental para fortalecer a democracia brasileira.

O jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode

mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar. (MEDITSCH, 1997, p.3)

É papel do jornalismo buscar os dados corretos e levar transparência à população. Além disso, essa pesquisa mostra-se relevante para questionar as devidas razões do governo não dar a real importância para esse momento pandêmico que o mundo todo está vivendo.

Há de se refletir também se a iniciativa dos veículos de comunicação fez com que o jornalismo deixasse de dar apenas voz aos fatos e se transformasse em um próprio fato jornalístico: a criação do consórcio de imprensa é um acontecimento que ganha visibilidade pelos veículos envolvidos.

Além disso, essa pesquisa se mostrou essencial para observar se o governo atual tentou censurar dados necessários ao combate da pandemia, e ainda, uma forma de reforçar a liberdade de imprensa.

É importante comparar as atitudes do Jair Bolsonaro em relação à imprensa com o governo de Getúlio Vargas (1937-1945). O período conhecido como Estado Novo implantou atitudes fascistas no país, criando uma instituição chamada Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que tinha o intuito de censurar os opositores e promover propagandas favoráveis à imagem do presidente, entre outras funções. (UOL, online). É possível, através dessa pesquisa, analisar se o governo atual tem essa intenção também, já que Jair Bolsonaro desdenha publicamente vários profissionais da comunicação, na tentativa de descredibilizar canais da TV aberta.

A reportagem digital desenvolvida reforça a necessidade desse estudo, na qual os jornalistas entrevistados poderão opinar sobre o Consórcio de Veículos de Imprensa e validar o seu significado para a democracia. O meio de comunicação escolhido foi o digital pela fácil propagação e acesso de todos.

Entre as motivações pessoais para a escolha do assunto estudado estão o descaso do Governo brasileiro diante das mais de 400 mil mortes por coronavírus e a falta de interesse em fechar acordos de vacinação. O consórcio dos veículos de imprensa, entretanto, realizou a campanha “Vacina Sim”, no dia 29 de janeiro de 2021, motivando as pessoas a se vacinarem, algo que deveria ser papel do Ministério da Saúde e do Governo Federal.

1.6 METODOLOGIA

Este trabalho teve como metodologia principal a pesquisa bibliográfica. A base da fundamentação teórica é feita através de livros, visto que o passo inicial para a construção de uma pesquisa científica e trabalho acadêmico é realizar uma revisão bibliográfica a respeito do assunto abordado. (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Em complemento a isso, a pesquisa documental se faz importante. O tema estudado está relacionado com notícias diárias e veículos de comunicação, sendo assim, o uso de documentos digitais e reportagens foi essencial para comprovar os argumentos. A pesquisa documental envolve todos os materiais, ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir como fonte de informação para a pesquisa científica, ou seja, documentos de fonte primária provenientes dos próprios órgãos que realizaram as observações. (MARCONI; LAKATOS, 2011).

A natureza da pesquisa se mostra exploratória, com o intuito de descobrir novos pontos sobre um assunto que está em movimento: a divulgação dos dados sobre a pandemia de COVID-19 por parte dos veículos de imprensa.

A pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007).

Além disso, a natureza da presente pesquisa também pode ser classificada como social, na medida em que terá papel de utilidade pública e auxiliará na transparência das informações sobre a pandemia.

No âmbito jornalístico, este trabalho de conclusão de curso utilizou diversas técnicas, já que teve o intuito de desenvolver uma reportagem digital a respeito do tema. Entre as técnicas utilizadas estão a produção de pauta, apuração,

levantamento dos dados de entrevistas de profissionais de comunicação e a redação.

1.7 ESTRUTURA DO RELATÓRIO

Para a composição do trabalho de conclusão de curso presente nesse relatório foram realizadas as etapas de introdução, desenvolvimento, metodologia e a conclusão.

O capítulo 1 foi composto pela introdução que aborda o objeto de estudo e produto midiático, no caso, reportagem multimídia, a questão problema, hipóteses, objetivos, justificativa e metodologia.

O capítulo 2 retratou a fundamentação teórica, composta por cinco subitens. O primeiro subitem levou o nome “Imprensa e governo: uma relação de amor e ódio?”, no qual retratou a contextualização histórica desde o surgimento da imprensa no Brasil até os dias atuais, e as relações com os governos. O segundo subitem foi sobre o “Poder público contra a imprensa”, uma comparação entre os presidentes brasileiros e os jornalistas, de Getúlio Vargas até Jair Bolsonaro.

O terceiro subitem da fundamentação teoria retratou sobre o jornalismo digital, com o nome “A comunicação digital: o quinto poder?”, analisou o impacto das tecnologias na comunicação com os termos web 2.0, inteligência coletiva e *Fake News*. O quarto subitem retratou a cronologia dos acontecimentos que fizeram com que os jornalistas se unissem, com o nome “Jornalismo colaborativo: o consórcio de imprensa na pandemia de Covid-19”. Já o último subitem da fundamentação retratou a criação e funcionamento do consórcio e cita a união dos jornalistas na imprensa internacional.

O capítulo 3 do relatório de fundamentação teórica abordou a metodologia utilizada nos estudos, com os subitens de revisão bibliográfica, pesquisa documental e técnicas jornalísticas.

No capítulo 4 foi descrito o projeto midiático produzido, desde a plataforma utilizada e identidade visual, até as fontes entrevistadas e os recursos multimídias envolvidos.

No capítulo 5 foram apresentadas as considerações finais, bem como os resultados obtidos através das entrevistas com os jornalistas, analisando se os objetivos foram alcançados ou não, bem como as hipóteses. As considerações finais abordam a resposta à questão problema.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Imprensa e governos: uma relação de amor e ódio?

Não é de hoje e não é apenas no Brasil. Grande parte dos governos do mundo todo entra em crise com a imprensa em algum momento. Se os jornalistas estão fazendo um bom papel, os governantes vão discordar, já que a função da imprensa é investigar as atividades e inatividades dos poderes superiores e

expor os dados ao público. “Nenhum presidente gosta da imprensa a não ser que a imprensa não esteja fazendo bem o seu trabalho, a imprensa tem que ser crítica dos governos, poderes econômicos e todos àqueles que tem influência sobre a sociedade”. (PODCAST POLITIQUÊS, 2019).

Ao analisar a história da imprensa no Brasil, através de autores como Nelson Werneck Sodré (1999), Juarez Bahia (2009) e José Marques de Melo (2003) compreende-se o antagonismo presente, desde sempre, entre os poderes superiores e os veículos de comunicação.

A criação oficial da imprensa deu-se em 1808, no Brasil, entretanto, anos antes houve tentativas falhas e reprovadas pelos governantes da época. Em 1706, em Pernambuco, surgiu o primeiro veículo de comunicação com conteúdo evangelizado. Já no ano de 1746, no Rio de Janeiro, Antônio Isidoro da Fonseca também tentou implantar uma oficina de impressão, mas foi censurado e levado para Portugal. Até então, era estritamente proibida a fabricação de prensas no país, os documentos impressos vinham de Portugal.

A Imprensa Régia surge no governo de Dom João VI, já com muita censura. O autor Nelson Sodré avalia que essa fase ainda não deve ser considerada jornalismo, já que não havia liberdade de imprensa. O Império português fazia com que todo conteúdo passasse por aprovação antes de ser publicado, para que não fosse disseminado nada contra a religião, o governo e os bons costumes.

Em 1821, a Constituição passa a decretar a liberdade de imprensa:

A livre comunicação do pensamento é um dos mais preciosos direitos do homem. Todo cidadão pode, conseqüentemente, sem dependência de censura prévia, manifestar suas opiniões em qualquer matéria, contanto que haja de responder pelo abuso desta liberdade nos casos e na forma que a lei determinar. (SODRÉ, 1999, p. 41)

Com isso, o período entre 1822 e 1823 é considerado o marco oficial do jornalismo brasileiro, pela liberdade concedida à imprensa. Em comparação aos outros países, o Brasil está três séculos atrasados na implantação das tecnologias de imprensa, visto que a América espanhola, majoritariamente, começou a introdução da imprensa em 1533 e a América Inglesa em 1638. Essa comparação foi feita por José Marques de Melo, em seu livro *História social da*

imprensa: fatores sociais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil. (p.70-71).

Com o conceito de imprensa consolidado, o rádio surge com a primeira transmissão, via amadores, em 1919. Sua transmissão oficial ocorreu em 1922, no Rio de Janeiro. Com diversos obstáculos a serem enfrentados - como o alto valor da tecnologia importada, limitada capacidade de poder aquisitivo e a dependência de energia elétrica - aos poucos, o meio radiofônico foi se concretizando no país.

Em 1924 foi decretada a limitação da programação em fins educativos, científicos e artísticos. Com isso, até o ano de 1932, era proibida a publicidade via rádio. Já com o governo de Getúlio Vargas, a radiodifusão ganha maior acessibilidade, sendo autorizada a veiculação de publicidade, o que favorece a estruturação financeira das emissoras. Esse avanço foi essencial para dar início ao que o autor Luiz Artur Ferraretto, em seu livro *Rádio: O veículo, a história e a técnica* (2001), classifica como o apogeu do rádio espetáculo, período entre 1940 e 1955.

Em plena fase de sucesso do meio radiofônico, Assis Chateaubriand, jornalista e empresário, realiza a primeira transmissão televisionada no Brasil, em 1950. Mesmo com o surgimento da TV Tupi, foi apenas duas décadas depois que esse aparelho tão presente nos dias de hoje, chegou completamente nas casas dos brasileiros.

Mais de 40 anos depois, em 1994 a Embratel lança o período de teste de redes de internet. O avanço da internet deu-se aos poucos no país, a produção de texto foi ainda mais tímida. Entretanto, o primeiro jornal digital brasileiro surgiu em 1995, com o nome JB Online, em 1996 surge o portal UOL e em 2000 o iG.

2.2 Poder público contra a imprensa

O termo “imprensa como quarto poder” surgiu no século XIX por estudiosos da comunicação, que seria a classificação da imprensa como um meio de fiscalização dos poderes superiores, e esse, até os dias atuais segue sendo o papel dos jornalistas.

O governo de Getúlio Vargas - 1930 a 1945 – é conhecido como o que mais se opôs abertamente à imprensa. Com a criação do Departamento de

Imprensa e Propaganda (DIP), uma das principais instituições do Estado Novo, era possível perceber a resistência do poder público contra os veículos de comunicação. Esse departamento era responsável pelos setores de divulgação, radiodifusão, teatro, cinema, turismo e imprensa. Tudo, antes de ser publicado, deveria passar por aprovação.

Após o Estado Novo, foi vivido o pior momento no Brasil quando o assunto é imprensa. Com censuras, torturas e difamações contra jornalistas, o livro “*Cale a boca, jornalista!*”, de Fernando Jorge, cita diversos episódios ocorridos na ditadura militar, como por exemplo, o relato do repórter Antônio Carlos Fon que foi preso e torturado no ano de 1969:

Fui levado para a câmara de torturas, no segundo andar, e durante três horas submetido a pau-de-arara, espancamentos e choques elétricos. De tudo isso, lembro-me de que nada era mais terrível que os choques elétricos na cabeça, com um fio preso ao lóbulo da orelha e outro percorrendo os lábios, o pescoço ou o nariz. [...] Fiquei vários dias sem poder comer, até que um enfermeiro do Exército obteve autorização para levar-me um pouco de gelo, que anestesiava momentaneamente a língua, permitindo que eu me alimentasse. (JORGE, 2014, p. 181)

A principal prova da repressão contra a imprensa durante a ditadura militar foi a morte do jornalista Vladimir Herzog, em 1975. A tortura seguida de morte, na época, foi encoberta por um suicídio forjado. Naquele momento, houve uma desconfiança sobre o caso, e anos depois foi confirmado ter sido mesmo um assassinato.

A imprensa precisa ser livre para conseguir fazer o seu trabalho e, em um governo autoritário, isso não acontece. O sistema político voltou a ser democrático, mas os veículos de informação continuaram sendo difamados. José Sarney, no seu mandato entre 1985 e 1990, não sendo diferente dos antecessores, criticou diversas vezes o trabalho da imprensa. No livro “*Cale a boca, jornalista!*” é possível analisar documentações de matérias jornalísticas da época que afirmam isso: “Sarney disse que a imprensa desenvolve um trabalho de ‘desinformação’, ou seja, ‘uma informação dada para falsificar e deformar os fatos’”. (*Folha de S. Paulo*, 19 de setembro de 1989).

O autor Mario Sergio Conti, do livro *Notícias do Planalto* (1999), retrata que Fernando Collor até mandou a polícia federal invadir a redação do jornal Folha de São Paulo no seu governo. As alegações eram que havia problemas

fiscais, quando na verdade a motivação foi retaliação das críticas da imprensa para com o seu governo, o que aliás, deu força para o seu impeachment em 1992, dois anos após a sua eleição.

Luis Inácio Lula da Silva e sua sucessora Dilma Rousseff também sofreram embates com a imprensa. Eleitos logo na ascensão dos sites e da tecnologia, com o avanço da internet e redes sociais dando força às manifestações de 2013, a Dilma Rousseff não tinha uma relação boa com os jornalistas, inclusive acredita que a mídia foi a grande apoiadora do seu *impeachment*. (PT, 2016). Nessa fase, o que a imprensa sempre lutou para deixar claro, já não estava tão exposto assim: a luta pelo que é opinião e informação, assim como a diferença entre fatos e “fake News”, que só se alastrou com o passar dos anos.

Jair Bolsonaro, ao contrário dos presidentes passados, utilizou as redes sociais a seu favor, como arma política. O então candidato do PSL foi ganhando cada vez mais o apoio popular, e assim, venceu as eleições de 2018. Desde então, sua relação com a imprensa está longe de ser saudável. Ao decorrer do capítulo serão expostas diversas vezes em que o atual presidente desrespeitou jornalistas e profissionais da imprensa.

Uma sociedade sem a imprensa livre não é uma sociedade democrática. No livro “*Como as democracias morrem*” de Steven Levitsky também possível analisar a falha do sistema democrático ao redor do mundo e em tempos diferentes:

A ditadura ostensiva – sob a forma de fascismo, comunismo ou domínio militar – desapareceu em grande parte do mundo. [...] Democracias ainda morrem, mas por meios diferentes. Desde o final da Guerra Fria, a maior parte dos colapsos democráticos não foi causada por generais e soldados, mas pelos próprios governos eleitos. (LEVITSKY, 2018, p.17).

A ideia de que a democracia está decaindo não ocorre apenas no Brasil, o autor Manuel Castells analisa essa situação em seu livro “*Ruptura: a crise da democracia liberal*”. Através do seu estudo, é possível realizar uma comparação com o governo de Jair Bolsonaro e alguns líderes de países europeus e Estados Unidos, governados pela extrema-direita. Coincidentemente, esses são eleitos por se classificarem como “diferentes” dos governantes passados e chamados

de “outsiders políticos” – que alegam pouca experiência política – conquistando o povo através da comunicação direta pelas redes sociais, descredibilizando a mídia.

Um exemplo disso foram as falas ditas pelo Jair Bolsonaro em um discurso aos seus apoiadores, uma semana antes do segundo turno das eleições de 2018, no qual alegou que o povo deve elegê-lo para a solução da política do país e afirmou:

Sem mentiras, sem fake News, sem Folha de São Paulo. Nós ganharemos esta guerra. Queremos a imprensa livre, mas com responsabilidade. A Folha de São Paulo é o maior fake News do Brasil. Vocês não terão verba publicitária do governo. Imprensa livre, parabéns, imprensa vendida, meus pêsames.

Fake News e Folha de S. Paulo na mesma frase, vinda de um governante que é acusado de, supostamente, disseminar *Fake News*. Afinal, a era digital foi benéfica ou não para o trabalho dos jornalistas? A facilidade de disseminação das informações faz com que o jornalista tenha mais acesso aos dados, mas também auxilia na rapidez da circulação de informações falsas em âmbito público, através das redes sociais.

2.3 A comunicação digital: O quinto poder?

Por sua tamanha influência política e social, a internet é considerada o quinto poder da sociedade por muitos especialistas. (BBC, 2019). O conceito de *web 2.0*, criado em 2004 pelo sociólogo Pierre Lévy, marca o período em que o público passou a interagir e se impor diretamente na mídia, por exemplo, opinando sobre determinada compra em lojas online.

A partir disso, também foi caracterizado o termo “inteligência coletiva”, que significa que a internet é um lugar de todos e que todos podem contribuir através dela. Com a junção desses dois conceitos, Henry Jenkins, estudioso da comunicação, designa a “cultura de convergência” como o período em que as pessoas começaram a participar e criar conteúdo na internet, isso está altamente relacionado com a formação de opinião.

Com o avanço das tecnologias e criação de blogs em que todos acham que são donos da verdade, o número de desinformação aumentou e muito.

Segundo o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), as *Fake News* circulam 70% mais rápido que as notícias verdadeiras: cada postagem de fato jornalístico atinge, em média, mil pessoas, enquanto postagens falsas atingem de mil a 100 mil pessoas. (CORREIO BRAZILIENSE, 2018). A evolução da internet trouxe desafios negativos ao modo de fazer jornalismo como o aumento das informações falsas, entretanto, também foram encontrados benefícios como a facilidade e rapidez na forma de encontrar os dados, junto às diversas mudanças da migração do jornalismo impresso para o digital.

Com isso foi preciso criar movimentos de transparência por parte dos órgãos públicos, como a Lei de acesso à informação, sancionada em 2011. Considerada um ponto forte para a consolidação do regime democrático no país, ela permite que jornalistas solicitem acesso a dados de várias instituições governamentais e das bases de dados que essa legislação obriga governos, parlamentos e tribunais a publicar online. (RIBEIRO, et.al., 2018).

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre os procedimentos a serem observados pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, com o fim de garantir o acesso a informações previsto no [inciso XXXIII do art. 5º](#), no [inciso II do § 3º do art. 37](#) e no [§ 2º do art. 216 da Constituição Federal](#).

Parágrafo único. Subordinam-se ao regime desta Lei:

I - os órgãos públicos integrantes da administração direta dos Poderes Executivo, Legislativo, incluindo as Cortes de Contas, e Judiciário e do Ministério Público;

II - as autarquias, as fundações públicas, as empresas públicas, as sociedades de economia mista e demais entidades controladas direta ou indiretamente pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios.

(BRASIL, 2011).

O atual presidente Bolsonaro, entretanto, se opõe a todas as formas de transparência que deveriam ser obrigatórias, dificultando o acesso à informação em um dos períodos que mais precisaram de dados – a pandemia de Covid-19, que será retratada no decorrer do capítulo.

[...] especificamente no Poder Público, a transparência é considerada um elemento primordial para a responsabilidade da gestão, além de proporcionar uma maior eficiência e melhores perspectivas de crescimento econômico em geral. (RIBEIRO, A. et. al., 2018, p. 51)

Por conta das falhas dos órgãos públicos, o jornalismo de dados está se ampliando cada vez mais no Brasil. Essa área do jornalismo faz com que os repórteres busquem nos acervos de dados lacunas ou pontos de conexão que necessitam de um estudo com profundidade, ou seja, é a análise de dados que dá início ao processo de produção de uma notícia, não o oposto.

Além da popularização das ferramentas e do apelo comercial de visualizações e outros produtos relacionados ao Jornalismo guiado por dados, foi importante para isso a adoção de políticas de acesso à informação e transparência por governos de todo o mundo. Conhecidos como políticas de “dados abertos” (open data) ou transparência política (open government), estes mecanismos inundaram a Internet com bases de dados antes muito difíceis de se obter. (GRAY; BOUNEGRU; CHAMBERS, 2014, on-line).

Os jornalistas na atualidade têm hoje o material e as ferramentas para o Jornalismo guiado por dados de fácil alcance. A imprensa está fazendo o trabalho que deveria ser do governo federal – a transparência nas informações.

Além de dificultar o acesso aos dados, o governo Bolsonaro manipula informações e dissemina desinformação desde o início da pandemia. Como por exemplo, o fato de que o presidente sempre defendeu abertamente o uso do medicamento cloroquina para o tratamento de Covid-19, entretanto, nunca houve comprovações científicas de que traria resultados positivos, inclusive, esse remédio pode trazer efeitos colaterais, como arritmia cardíaca fatal, segundo Ministério da Saúde.

O artigo *"Infodemia e a Covid-19 – A informação como instrumento contra os mitos"*, feito pela ONG Artigo 19, uma organização não-governamental de direitos humanos com a missão de defender e promover o direito à liberdade de expressão e de acesso à informação em todo o mundo, afirma que a desinformação propagada pelo governo atual intensificou a pandemia no país:

Os setores de saúde em todo o mundo seguiram os caminhos da pesquisa e da disponibilização de métodos seguros de prevenção. Enquanto isso, no Brasil, o conflito entre ciência e negacionismo já resultou em mais de 400 mil mortes, em um saldo que se amplia todos os dias. (ARTIGO 19, 2021, on-line).

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Panamericana de Saúde (OPAS), é possível classificar infodemia quando há inúmeras informações falsas em um contexto no qual deveria ser disseminado apenas dados confiáveis.

A jornalista Patrícia Campos Mello, em seu livro *“A máquina do ódio”* também analisa a presença da infodemia no contexto brasileiro atual:

O mundo está combatendo não apenas uma epidemia, mas também uma “infodemia”, como disse Tedros Adhanom, diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS). Existe uma superabundância de informações, algumas verdadeiras, outras não, o que torna muito difícil encontrar fontes confiáveis e orientações corretas a respeito da Covid-19. (MELLO, 2020, p. 230)

Para combater uma pandemia é preciso pesquisa, estudos científicos e informações verdadeiras, algo que no governo atual está sendo mais desafiador. Inclusive, em 2021, o jornal Nexo divulgou dados de um estudo realizado por pesquisadores do MídiaLab – Laboratório de Mídia, Discurso e Análise de Redes Sociais – que mostra que 47% do conteúdo de desinformação em análise, durante a pandemia, foi disseminado por autoridades políticas.

As “narrativas alternativas” são impulsionadas nas redes sociais, principalmente, por sites ou veículos apócrifos e hiperpartidários. Na definição do estudo, eles são “mídias nativas digitais que possuem a aparência de veículos informativos, mas produzem conteúdo que favorece uma ideologia política específica, frequentemente com estratégias como sensacionalismo, anonimato e clickbaits [caça-cliques] para potencializar a circulação do que publicam. (NEXO, 2021, on-line).

Esse estudo mostra que um dos grandes problemas da desinformação é que muitas vezes ela não é totalmente falsa. A pessoa que a produz no intuito de disseminar mentiras, usa uma informação que tem um fundo de verdade e a modifica para favorecer o seu lado.

2.4 Jornalismo colaborativo: o consórcio de imprensa na pandemia de Covid-19

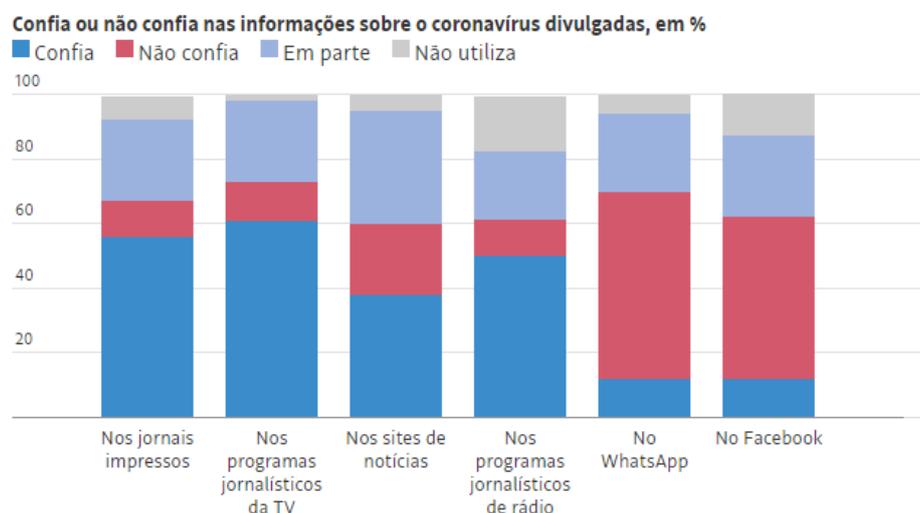
O Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa anual mostra que em 180 países analisados, 73 estão com o trabalho do jornalismo comprometido e 59 estão restringidos. “A principal vacina contra o vírus da desinformação, o jornalismo, está totalmente ou parcialmente limitado em 73% dos países avaliados pela Repórteres Sem Fronteiras”. (RSF, 2021, on-line).

Ser jornalista está entre as profissões mais perigosas do mundo. Esse dado também foi divulgado pela ONG Repórteres Sem Fronteiras. Ser jornalista, no Brasil atual, se torna mais difícil ainda.

De acordo com dados de um relatório lançado em 2020 pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), os casos de ataques de agressão aos jornalistas e profissionais da imprensa dobraram em relação a 2019. No ano de 2020 foram registradas 428 ocorrências.

Desde quando ainda era candidato, Jair Bolsonaro descredibiliza o papel da imprensa brasileira e dificulta o trabalho de transparência das informações. Após as eleições de 2018, o presidente Jair Bolsonaro fez com que grande parte da população perdesse a credibilidade na imprensa. Uma pesquisa feita pelo Datafolha em março de 2020 mostra que esse conceito já não é mais o mesmo. Entre as pessoas entrevistadas, 56% confiam nos jornais impressos para divulgação de dados da pandemia, enquanto 61% confiam em programas jornalísticos de TV.

Figura 2. Confiabilidade da população nos diferentes canais de mídia, quando se trata de dados sobre a pandemia.



Fonte: print de tela do site Datafolha.

Entretanto, durante a pandemia de Covid-19, o presidente continua atacando o trabalho da imprensa e descredibiliza até órgãos da saúde no combate à doença, por exemplo, ao alegar que quem tomasse a vacina se transformaria em um jacaré. (ISTO É, 2020).

O primeiro caso da doença no Brasil foi em 26 de fevereiro de 2020. Quem estava sob comando do Ministério da Saúde até então, era Luiz Henrique Mandetta, que divulgava as informações de número de casos e mortos da doença no meio da tarde, diariamente. O ministro não concordava com as decisões tomadas pelo presidente e confrontava o Governo Federal publicamente, o que levou à sua demissão no dia 16 de abril. Em seguida, o oncologista Nelson Teich assume o cargo e sofre pressões para autorização de medicamentos com ineficiência comprovada contra a Covid-19 – cloroquina – e diminui as medidas de isolamento.

Até então, com o Teich de Ministro, as informações eram disponibilizadas pelo site do Ministério da Saúde, todos os dias, até as 19h. Um mês depois, em 15 de maio, Nelson Teich pede demissão e quem assume o Ministério da Saúde é o General Eduardo Pazuello, que dificulta ainda mais o acesso às informações da pandemia, divulgando números de casos e mortes pela doença às 22h.

No dia 08 de junho de 2020 o site do Ministério da Saúde colapsou e os dados ficaram apagados por um período, as autoridades alegaram que havia sido um problema técnico. A partir desse dia, os dados de Covid-19 passaram a ser divulgados diariamente através da coleta do consórcio dos veículos de imprensa.

2.5 Jornalismo em prol da informação e da Democracia

Consórcios de veículos de comunicação são recorrentes na mídia internacional, no Brasil, no entanto, os registros não são tão presentes. O *Wikileaks* é um grande exemplo para combater a desinformação e trazer à tona verdades sobre autoridades políticas e governos internacionais. A plataforma criada em 2006 permite que qualquer pessoa submeta documentos confidenciais para que a equipe do projeto analise a veracidade das informações. Desde

então, jornalistas, ativistas e políticos utilizam o portal para investigações de governos, empresas e diversos países.

O caso do *Panama Papers* também é um exemplo da união de jornalistas. Em 2016, o Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos realizou uma investigação expondo roubos financeiros e corrupção política da empresa panamenha Mossack Fonseca. Foi uma colaboração de 376 jornalistas, 109 veículos de imprensa, em 76 países.

Como foi citado anteriormente, durante o governo de João Goulart (1961-1964), também existem registros de um consórcio de jornais chamado A Rede da Democracia. Essa união era composta pelos veículos: O Jornal, Jornal do Brasil e O Globo e ajudou a enfraquecer o governo Jango e dar início à ditadura militar.

Nos dias atuais, como uma resposta às dificuldades impostas pelo governo e Ministério da Saúde durante a pandemia de Covid-19, os jornalistas brasileiros decidiram se unir. No dia 08 de junho de 2020 os veículos de comunicação Folha de São Paulo, G1, O Globo, Estadão, UOL e Extra criaram o Consórcio dos Veículos de imprensa. Desde então, até o momento da entrega deste trabalho, todos os dias, às 20h, os dados da pandemia estão sendo divulgados pelos jornalistas.

Cada veículo é responsável por cinco ou seis estados e as informações são coletadas em Secretarias da Saúde municipais e estaduais. Mesmo sendo concorrentes, os jornais online decidiram se unir para lutar pela transparência das informações e manter um governo democrático.

A epidemia evidenciou a importância de jornalistas profissionais que produzem notícias fundamentadas [...] Jornalistas não se limitam a colher informações, eles também ajudam a distinguir o que é verdade do que é mentira, o que é importante do que não é. A curadoria da informação ganhou relevância. (MELLO, 2020, p. 230-231).

A jornalista Patrícia Campos Mello também ressalta em seu livro “*A máquina do ódio*” como o trabalho dos jornalistas está sendo essencial para obter informações precisas da pandemia, abordando que muitos repórteres têm família e precisaram ir para as ruas colher os dados no auge da contaminação, por exemplo em março e abril de 2020, expondo-se ao risco.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Revisão bibliográfica

Segundo Marconi e Lakatos, a pesquisa bibliográfica pode ser considerada o primeiro passo para um estudo científico: a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. (LAKATOS, MARCONI, 2003, p. 183).

O artigo “*Jornalismo como forma de conhecimento: a divergência dos dados da covid-19 divulgados via imprensa nacional e SESAP-RN*” dos autores Angelo Rocalli e Juciano de Sousa Lacerda (2020) foi o impulso para estudar os consórcios dos veículos com profundidade. Neste estudo, os autores alegam que há uma divergência entre os dados divulgados pela secretaria de saúde do Rio Grande do Norte e os veículos de comunicação.

A realização deste trabalho de conclusão de curso necessitou de uma revisão bibliográfica sobre a história da imprensa no Brasil desde sua colonização. Para isso, foram consultados os autores Nelson Werneck Sodré com seu livro “*História da Imprensa no Brasil*” e Juarez Bahia, com a “*História da Imprensa Brasileira*”.

Autores essenciais para a compreensão da implantação do jornalismo no Brasil foram utilizados, como Luiz Artur Ferraretto em “*Rádio: O veículo, a história e a técnica*”, e José Marques de Melo, em seu livro “*História social da imprensa: fatores sociais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*”.

O livro “*Imprensa e Sociedade Brasileira*” dos autores Célio Losnak e Maximiliano Vicente também foi de grande importância para a fundamentação teórica. Além do “*Cale a Boca, Jornalista!*”, de Fernando Jorge, essencial para compreender o papel da imprensa e sua relação com os diversos governos brasileiros, com documentações de matérias jornalísticas sobre os governantes da ditadura militar e anos seguintes.

A jornalista Patrícia Campos Mello com seus relatos do livro “*A máquina do ódio*”, auxiliou na argumentação a respeito dos meios de comunicação, presidentes brasileiros e *Fake News*.

Para dissertar a respeito da democracia do Brasil e do mundo, foram utilizados os livros “*Ruptura: A crise da democracia liberal*” de Manuel Castells e “*Como as democracias morrem*” de Steven Levitsky.

3.2 Pesquisa documental

Por se tratar de um assunto atual e em movimento, a pesquisa documental foi de grande uso para a realização do trabalho. Para Marconi e Lakatos, a pesquisa documental vale-se de documentos de fonte primária:

[...] são aqueles de primeira mão, provenientes dos próprios órgãos que realizaram as observações. Englobam todos os materiais, ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir como fonte de informações para a pesquisa científica. [...] Incluem-se aqui como fontes não escritas: fotografias, gravações, imprensa falada (televisão e rádio), desenhos, pinturas, canções, indumentárias, objetos de arte, folclore, etc. (LAKATOS, MARCONI, 2011, p. 43).

Reportagens, notícias e vídeos publicados nos jornais G1, Folha de S.P, Estadão e UOL foram altamente consultados durante o processo de produção, assim como Podcasts e jornais televisionados.

A pesquisa documental é a peça-chave para o desenvolvimento deste trabalho. Foi preciso buscar com profundidade os dados de divulgação sobre a pandemia de Covid-19, para isso, foram consultados reproduções de jornais no *GloboPlay*, para compreender com exatidão, as datas envolvidas no assunto.

Sendo assim, a natureza da pesquisa se mostra exploratória, com a intenção de identificar novos pontos sobre um assunto que está em movimento: a divulgação dos dados sobre a pandemia de Covid-19 por parte dos veículos de imprensa. Assim como natureza social, visto que a pesquisa tem papel de utilidade pública e auxilia na transparência das informações.

3.3 Técnicas jornalísticas

Tendo em vista o número de jornalistas unidos por uma causa em comum, se faz importante analisar a opinião deles em relação ao momento atual do Brasil. Para isso, surge a ideia de fazer uma grande reportagem digital sobre o consórcio criado pelos veículos de imprensa e sua importância para a democracia.

Nessa fase do trabalho, foram utilizadas as técnicas do jornalismo como produção de pauta, contato com fontes, entrevista jornalística, apuração e levantamento de dados, seleção das sonoras dos entrevistados, redação, edição de texto e diagramação da reportagem multimídia.

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2008, p.109).

Os dados coletados para inserir na reportagem foram encontrados por buscador da web em reportagens e matérias sobre o assunto abordado. Detalhes sobre o funcionamento do consórcio de imprensa foram coletados através das entrevistas realizadas com jornalistas.

A busca pelas fontes de entrevista foi mais difícil do que o esperado. Foram contatados ao menos cinco jornalistas, de cada veículo, antes de encontrar a pessoa certa para responder às questões do trabalho. Profissionais da Globo não responderam os e-mails até hoje, alguns foram contatados pelas redes sociais e afirmaram ser “burocrático” o processo para conceder uma entrevista a universitários, e encaminhavam o contato de um jornalista – de outro veículo.

Jornalistas do UOL foram os mais acessíveis. Da Folha de S. Paulo também foram contatadas várias pessoas para conseguir encontrar alguém com disponibilidade para a entrevista. O jornalista Daniel Bramatti, do Estadão, foi indicado por quase todos os contatos de entrevista. Entretanto, a demora para respostas dessa fonte foi maior.

Pode-se utilizar o termo Reportagem Assistida por Computador (RAC), que segundo Nilson Lage (2012), é classificado pelo emprego de técnicas instrumentais como a navegação e busca na Internet, a utilização de planilhas de cálculo e de bancos de dados. É o processo de colher e processar informação primária ou, pelo menos, intermediária entre a constatação empírica da realidade e a produção de mensagens compreensíveis para o público.

O modelo escolhido para a produção foi reportagem hipermídia, para exemplificar com imagens, vídeos e áudios os acontecimentos envolvendo os veículos de comunicação e poderes superiores durante a pandemia de Covid-19.

[...] A hipermídia corresponde a uma etapa mais avançada do webjornalismo, em que cada vez mais se produz hipertextos enriquecidos com vídeos, áudios, infografias animadas, entre outros elementos, que colaboram para o delineamento de uma fase em que técnica e discurso são aperfeiçoados e voltados à exploração das características próprias do meio Internet. (ITO, 2018, p. 126 – 127).

A hipermidialidade une várias mídias ao texto, potencializando uma maior imersão na narrativa.

4 DESCRIÇÃO DO OBJETO

Como dito anteriormente, o produto desenvolvido como trabalho de conclusão de curso foi uma reportagem hipermídia sobre a criação do Consórcio de Imprensa durante a pandemia de Covid-19. A seguir, serão expostas as configurações e descrições do resultado final.

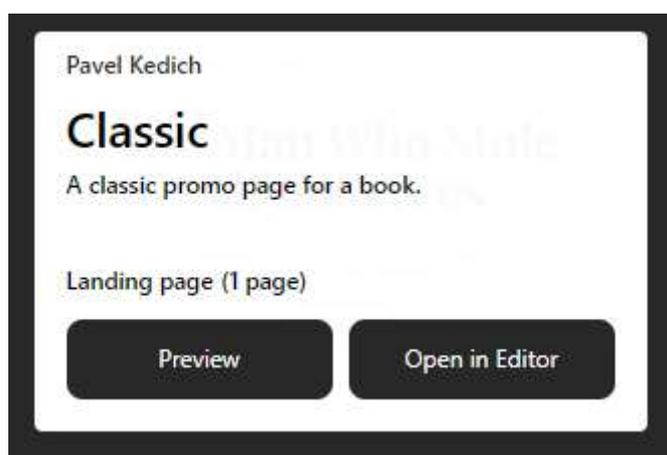
4.1 Plataforma e identidade visual

O objeto midiático escolhido para a produção foi uma reportagem hipermídia. Essa escolha deu-se pelo fácil acesso de todos, maior visibilidade e divulgação do material.

A plataforma online escolhida foi a *ReadyMag*. Através desse site, é possível criar designs com ferramentas interativas e dinâmicas para tornar o texto mais atrativo ao leitor.

A identidade escolhida foi a *Classic* do designer Pavel Kedich, exatamente para trazer um layout simples e clássico, sem muita informação além da reportagem.

Figura 2. Layout utilizado para o produto midiático.



Foram escolhidas as cores preto, branco e vinho para compor o site por remeterem ao jornalismo, visto que diversos veículos utilizam tons de vermelho em suas logos.

Figura 3. Captura de tela do site da reportagem hipermídia.



A fonte utilizada para a diagramação foi a *Times New Roman* regular no corpo do texto e em itálico para destacar os títulos. As falas dos entrevistados ou os discursos do presidente Jair Bolsonaro também foram destacadas em itálico e negrito.

Como foram desenvolvidos vários subtítulos durante a reportagem, e em sua maioria, cada um retratava um momento da história, surgiu a ideia de fazer uma comparação com uma linha do tempo. Em cada subtítulo com um marco anual, foi inserida uma ilustração temporal, como pode ser observada na captura de tela a seguir:

Figura 4: Captura de tela para demonstrar a linha do tempo da reportagem



4.2 Fontes entrevistadas

Quando surgiu a ideia de realizar uma grande reportagem a respeito do consórcio dos veículos de imprensa, a proposta inicial era entrevistar apenas jornalistas que idealizaram o projeto. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, surgiu a necessidade de conversar com outros profissionais da comunicação,

como jornalistas independentes, que também foram peças-chave na luta contra a desinformação na pandemia.

As fontes entrevistadas foram: o jornalista Fábio Takahashi, editor do DeltaFolha, núcleo de jornalismo de dados da Folha de S. Paulo. O jornalista Jorge Correa, um dos criadores do Consórcio enquanto era editor-chefe de Hard News do UOL, e hoje trabalha para o portal Omelete. O jornalista Márcio Sérgio Silva, chefe de reportagem do UOL Notícias e um dos coordenadores do Consórcio dos Veículos de Imprensa.

Além desses citados, o jornalista Daniel Bramatti também foi entrevistado. Durante a apuração das fontes, todos os profissionais consultados indicavam o jornalista Bramatti para abordar sobre o Consórcio de Imprensa, mas o contato não foi tão fácil. Bramatti é editor do Estadão Verifica, núcleo de checagem de informações do Estadão, ex-presidente da Abraji e um dos fundadores do projeto Comprova.

O roteiro de perguntas para os jornalistas envolvidos no consórcio foi o mesmo, com seis questões que podem ser observadas no apêndice A.

Entre os jornalistas independentes entrevistados estão Cristiano Pavini, criador do portal Farolete e especialista em jornalismo de dados. Chico Marés, coordenador de jornalismo da Agência de fact-checking Lupa. Para os jornalistas independentes, as perguntas realizadas podem ser observadas no apêndice B.

Para realizar a contextualização histórica da imprensa no Brasil, foi entrevistado o Doutor em História Social e professor do curso de Jornalismo da UNESP, Maximiliano Vicente. As perguntas realizadas para o historiador podem ser observadas no apêndice C.

Para argumentar a respeito da democracia no Brasil e no mundo, foi entrevistado o Doutor em Ciências Políticas e professor do curso de Relações Internacionais do UNISAGRADO, Bruno Pasquarelli. As perguntas realizadas na entrevista podem ser observadas no apêndice D.

Além das fontes entrevistadas, também foi desenvolvido um questionário de caráter ilustrativo para coletar a opinião do público e inserir na reportagem. Esse formulário foi divulgado nas redes sociais Instagram, Twitter e WhatsApp e obteve 163 respostas.

O roteiro de perguntas do questionário pode ser observado no apêndice E. Ademais, ao final do questionário foi disponibilizado um campo livre para a

pessoa escrever o que pensa sobre o tema e alguns depoimentos foram inseridos na grande reportagem.

4.3 Recursos multimídia

Uma grande reportagem digital é caracterizada pela presença de hiperlinks e elementos multimídia. Foram utilizados vídeos desenvolvidos pelo UOL, chamadas do Jornal Nacional, trechos de entrevistas do presidente Jair Bolsonaro e vídeos do Consórcio de Imprensa. Como hiperlinks, foram adicionadas fontes de dados citados e reportagens dos veículos envolvidos.

Também foi inserido na reportagem um episódio do Podcast Politiquês, do Jornal Nexo, a respeito da relação da imprensa com os governos brasileiros. O link do documentário “Até que a morte una”, desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de jornalismo da UFRJ pelo aluno Marcos Cory, também foi introduzido na reportagem.

De recursos próprios, foi desenvolvido um infográfico a respeito da ordem cronológica dos acontecimentos da pandemia envolvendo o Ministério da Saúde e o Consórcio de Imprensa. Além disso, foram inseridas as sonoras de algumas entrevistas com fontes na íntegra, a fim de dinamizar o texto. Também foi de autoria própria o infográfico animado, produzido através da plataforma gratuita *Biteable*, com os dados do Instituto Datafolha a respeito da porcentagem de credibilidade nos meios de comunicação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, os resultados obtidos foram os esperados. A opinião verdadeira de cada jornalista entrevistado auxiliou na construção da angulação da reportagem. Foi de grande importância poder entender a fundo como funciona o consórcio dos veículos de imprensa e qual foi o real estopim para a sua criação.

Entretanto, o contato com as fontes foi mais difícil do que o esperado. Alguns jornalistas reconhecidos por trabalharem no consórcio de imprensa não deram retorno para realizar a entrevista, sendo assim, algumas falas importantes ficaram de fora. O contato com as fontes foi feito através de e-mails institucionais, redes sociais e WhatsApp.

A realização deste trabalho atingiu as expectativas, já que respondeu à questão problema desenvolvida no projeto de pesquisa: o que o consórcio dos veículos de imprensa, criado durante a pandemia de Covid-19, representa para o jornalismo brasileiro e democracia?

A hipótese desenvolvida no início do estudo foi que o consórcio de imprensa, ao realizar a função do Governo, que seria a atualização dos dados do coronavírus, faz com que os jornalistas retomem a credibilidade que estava sendo perdida por parte da população brasileira.

Depois de tantas pesquisas e conversas sobre o assunto, surge a conclusão de que ele representa resistência. Em meio a governos extremistas e autoritários, o jornalista sempre se mostra presente e disposto a lutar pela verdade. Os veículos de informação deixaram a concorrência de lado para uma união em busca da informação transparente que o público merece receber, principalmente, em um momento pandêmico como o da Covid-19 vivido pelo mundo todo.

Com essa resistência, o jornalista reconquista a credibilidade que estava sendo perdida por parte de alguns brasileiros. Diversas pesquisas apontadas durante este relatório mostram o quanto a população estava deixando de acreditar nas informações de veículos de comunicação pelo aumento das *Fake News*.

Sendo assim, os objetivos determinados no projeto de pesquisa também foram alcançados: foi possível investigar o significado do consórcio de imprensa para a democracia, realizar entrevistas a fim de compreender a visão dos profissionais a respeito da criação do consórcio e observar os reflexos que isso trouxe ao jornalismo brasileiro.

Dar visibilidade ao trabalho dos jornalistas durante uma das piores fases do Brasil tem um grande significado pessoal e profissional. Foi gratificante poder comprovar a ideia suposta no projeto do trabalho de conclusão de curso de que o papel do jornalista na sociedade é trazer a transparência das informações e lutar pela democracia, independentemente do contexto vivido.

A intenção presente no trabalho sempre foi manter a reportagem disponível na web, após as considerações da banca, promovendo visibilidade em uma tentativa de contribuir com a credibilidade do jornalismo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. **Ataques à imprensa marcam um ano de pandemia.** Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/ataques-a-imprensa-marcam-um-ano-de-pandemia>
Acesso em: 27 ago. 2021

BBC. **Redes sociais se tornaram ‘o quinto poder no Brasil’, diz especialista.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47423365>
Acesso em: 01/12/2021

BRADLEY, Duane. **A imprensa: sua importância na democracia.** 1. ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

CORREIO BRAZILIENSE. **Fake News se espalham 70% mais rápido que notícias verdadeiras.** Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna_tecnologia,664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml Acesso em: 01/12/2021

CORREIO BRAZILIENSE. **Há 70 anos a televisão foi inaugurada no Brasil, relembre a história.** Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/09/4876275-ha-70-anos-a-televisao-foi-inaugurada-no-brasil-relembre-a-historia.html> > Acesso em: 21 ago 2021.

DW. **Governo deixa de divulgar total de mortos e casos de covid-19.** Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/governo-deixa-de-divulgar-total-de-mortos-e-casos-de-covid-19/a-53709956> Acesso em: 14 mar. 2021

EXTRA. **Especialistas e autoridades ressaltam a importância do consórcio de veículos sobre dados da covid-19.** Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/coronavirus/especialistas-autoridades-ressaltam-importancia-de-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-sobre-dados-da-covid-19-24469723.html>. Acesso em: 25 jan. 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: O veículo, a história e a técnica.** 2ª ed. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 2001.

FOLHA. **Consórcio de veículos de imprensa lança 2ª fase da campanha da vacina contra a covid-19.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/02/consorcio-de-veiculos->

[de-imprensa-lanca-2a-fase-da-campanha-da-vacina-contra-a-covid-19.shtml](#). Acesso em: 19 fev. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Editora Atlas. São Paulo. 2008. p. 109.

G1. Imprensa internacional repercute postura de Bolsonaro diante da pandemia de coronavírus. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/30/imprensa-internacional-repercute-postura-de-bolsonaro-diante-da-pandemia-de-coronavirus.ghtml>

Acesso em: 09 fev. 2021.

G1. **Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de covid-19**. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 jan. 2021.

GRAY, Jonathan; BOUNEGRU, Liliana; CHAMBERS, Lucy. **Manual de jornalismo de dados**. Open Knowledge Foudation, 2014.

ISTO É. **Bolsonaro sobre vacina de Pfizer: “se você virar um jacaré é problema seu”**. Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce- virar-um-jacare-e-problema-de-voce/> Acesso em: 27 ago. 2021

ITO, Liliane. **A (r) evolução da reportagem. Estudo do ciclo da reportagem hipermídia: da produção às respostas sociais**. 2018. Tese (doutorado) – Curso de Jornalismo, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2018.

JORGE, Fernando. **Cale a boca, jornalista!** 5. ed. São Paulo: Novo Século, 2014.

LACERDA, J. RONCALLI, A. **Jornalismo e conhecimento: a divergência dos dados da covid-19 divulgados via imprensa nacional e SESAP-RN**. Scielo.

Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1141>

Acesso em: 10 abr. 2021.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística**. 10.ed. Record, 2012.

LOSNAK, Célio; VICENTE, Maximiliano. **Imprensa e Sociedade Brasileira**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 7ed. São Paulo: Atlas, 2011

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Ed.UFSC, 1992.

MELO, José Marques de. História social da imprensa: fatores sócio culturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil. [S.l: s.n.], 2003.

NEXO. **Como a política agrava a desinformação na pandemia**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/05/19/Como-a-pol%C3%ADtica-agrava-a-desinforma%C3%A7%C3%A3o-na-pandemia>
Acesso em: 01/10/2021.

PT. **Dilma à imprensa internacional: apoio da mídia brasileira ao golpe foi total**. Disponível em: <https://pt.org.br/dilma-a-imprensa-internacional-apoio-da-midia-brasileira-ao-golpe-foi-total/> Acesso em: 30/11/2021

PEREIRA, Moacir. **O direito a informação na nova lei da imprensa**. 2. ed. São Paulo: Global, 1993.

REVISTA PESQUISA FAPESP. Imprensa versus governo. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/imprensa-versus-governo/> Acesso em: 09 fev. 2021.

RIBEIRO, Alexsandro, et. al. **Jornalismo de dados: conceitos, rotas e estrutura produtiva**. 1ª ed. Curitiba: Itersaberes, 2018.

ROCKCONTENT. **Jornalismo de dados: transformação digital na produção e no consumo de notícias**. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/jornalismo-de-dados/> Acesso em: 21 ago. 2021.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

UOL. Personalidades políticas e entidades de classe elogiam o consórcio de mídia. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/08/personalidades-politicas-e-entidades-de-classe-elogiam-consorcio-de-midia.htm> Acesso em: 19 fev. 2021.

UOL. Por coronavírus, Globo aumenta a duração de telejornais e suspende mais você. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/por-coronavirus-globo-aumenta-duracao-de-telejornais-e-suspende-mais-voce-34531> Acesso em: 25 jan. 2021.

UOL. UOL mostra que Bolsonaro já chamou covid-19 de gripezinha. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/videos/2021/03/13/uol-mostra-que-bolsonaro-ja-chamou-covid-de-gripezinha.htm> Acesso em: 10 abri 2021.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA JORNALISTAS DO CONSÓRCIO

- 1- Qual foi a principal motivação para a criação do consórcio de imprensa?
- 2- Como funciona a divisão de trabalhos no consórcio?
- 3- Em algum momento, vocês sentiram resistência por parte de alguma secretaria de saúde para a divulgação dos dados?
- 4- Já houve conflitos entre os números encontrados?
- 5- Qual a sua opinião sobre essa união entre veículos “concorrentes”?
- 6- Você acredita que o jornalismo está sendo uma peça importante para manter um governo democrático atualmente? Por quê?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA JORNALISTAS INDEPENDENTES

- 1- Como funciona o trabalho do (nome do veículo)? Você considera um jornalismo independente?
- 2- Você acredita que na pandemia o número de desinformação aumentou? Por quê?
- 3- Na sua visão, o consórcio criado pelos veículos de imprensa está auxiliando no combate à pandemia e as desinformações?
- 4- Qual o papel do jornalismo na sociedade brasileira com o governo atual?
- 5- O jornalismo está sendo fundamental para manter um governo democrático no país? Por quê?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA HISTORIADOR

- 1- A Coroa Portuguesa não permitia a circulação de jornais em solo brasileiro, nem fabricar prensas naquela época, e os documentos impressos vinham de Portugal. Na sua visão, qual o motivo disso?
- 2- Em comparação aos outros países, a imprensa brasileira se consolidou com um atraso de três séculos, em 1822. Na sua opinião, a coroa portuguesa estava impedindo esse avanço?
- 3- O governo de João Goulart era criticado por supostamente tomar medidas comunistas e grande parte da imprensa brasileira apoiou o golpe militar em 1964. Já nos dias atuais, o presidente Bolsonaro é criticado por tentar implantar medidas do fascismo e militarismo e a imprensa é totalmente contra. Na sua visão, por que há essa contradição na história do país?
- 4- Ainda sobre essa época: encontrei registros sobre o consórcio de jornais chamado A Rede da Democracia, era composto pelos veículos Jornal do Brasil, O Globo e O Jornal. Foi importante para derrubar o governo de João Goulart e dar início ao golpe militar. Você já estudou esse Consórcio e sabe algo sobre isso?

APÊNDICE D – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA CIENTISTA POLÍTICO

- 1- Como se caracteriza um governo democrático?
- 2- Qual é o papel da imprensa na democracia? Você considera que é o 4º poder?
- 3- Na sua visão, a democracia está falhando na sociedade brasileira atual?
- 4- No livro “Como as democracias morrem” é possível analisar a política de diversos países entrando em crise, assim como governantes do

mundo todo destruindo cada vez mais a democracia. Na sua opinião, o sistema democrático, em geral, está em decadência? Por quê?

APÊNDICE E – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA QUESTIONÁRIO ILUSTRATIVO

- 1- Qual a sua idade?
- 2- Você conhece o Consórcio dos Veículos de Imprensa?
- 3- Se você conhece o Consórcio, acha que tem sido útil para as informações da pandemia?

4- Em algum momento da pandemia, você passou a ver os números de mortes por COVID-19 apenas como "números"? Ou até hoje você se incomoda com isso?

APÊNDICE F – FAC-SÍMILE DO PRODUTO FINAL



Não é de hoje que a imprensa e o Governo Federal são antagonicos na sociedade brasileira. Ao estudar a história do Brasil é possível compreender a relação conturbada entre os jornalistas e os poderes executivos, sempre se contradizendo por lutarem pelas suas verdades.

A censura ao jornalismo também não é algo atual, podendo ser observada já na criação da imprensa em 1808, com a Imprensa Régia no Rio de Janeiro. É importante salientar que não existe jornalismo sem a liberdade de imprensa.

Quando começou

1706

More em
mídia360

Enquanto na América espanhola e inglesa o período entre a ocupação territorial e a introdução da imprensa é curto - 14 e 18 anos - na América portuguesa foram 276 anos sem o jornalismo. A primeira idealização do que seria chamado no futuro de veículos de comunicação surgiu no país em 1706, em Pernambuco, com conteúdo de finalidade evangelizada, com impressão de orações devotas. Em seguida, em 1746, no Rio de Janeiro, com Antônio Isidoro da Fonseca – posteriormente censurado e levado para Portugal.

Entretanto, essas três tentativas de criação da imprensa foram arruinadas pelo, então, governo português. A intenção da Coroa portuguesa era ter controle sobre a população, consequentemente, contribuindo para a desinformação, já que, aparentemente, manter o povo ignorante parece ser um objetivo comum entre aqueles que buscam dominar e se manter no poder.



“A informação significa poder. Naquele momento não existia a palavra ‘censura’ literalmente, mas era um tipo de censura

Maximiliano Vicente



Crédito: YouTube/ Canal da UFRJ

Professor Maximiliano Vicente é autor do livro *Imprensa e Sociedade Brasileira*, em que discute os caminhos esboçados pelos jornalistas desde a criação da imprensa.

“A informação significa poder. Naquele momento não existia a palavra ‘censura’ literalmente, mas era um tipo de censura que entendemos hoje – tentar controlar tudo que é produzido [...] O Correio Braziliense, por exemplo, era oposição à Coroa Portuguesa, produzido na Inglaterra e distribuído no Brasil”

– Maximiliano Vicente, doutor em História Social.

Nos anos que antecederam a efetivação da imprensa, a população brasileira era proibida de ter prensas. Os documentos e impressos burocráticos vinham de Portugal. A circulação de jornais em solo brasileiro não era autorizada.

A oficialização da imprensa brasileira deu-se então, em 1808, com o governo de Dom João VI e a criação da Imprensa Régia. Na época, tudo que se publicava deveria ser submetido à uma comissão para que não fosse impresso nada contra a religião, o governo e os bons costumes, afirmando desde sempre o desejo de controle do trabalho dos jornalistas por parte dos poderes superiores.

Entre 1822 e 1823 foi a primeira vez oficial que o Brasil contou com a liberdade de imprensa, até então, muitos estudiosos não consideram o trabalho da imprensa como jornalismo pela presença de censura. O término da imprensa denominada áulica, deu-se em 1830, caracterizada por atuar sem liberdade, universalidade e periodicidade.

“A Espanha, por exemplo, cria universidades muito cedo, centros de escolas, valoriza um pouco mais a cultura do que a Coroa Portuguesa [...] esse fator cultural influenciou muito para que alguns países adiantassem a escrita, publicação de livros, centro culturais.”

– Maximiliano Vicente, doutor em História Social

Maximiliano Vicente

E foi com um atraso de três séculos, em comparação a outros países, que a imprensa brasileira se consolidou e o jornal impresso foi incorporado definitivamente à construção dos ideais e uma identidade nacional. Exatamente um século depois, o meio radiofônico também surge no país, com sua transmissão oficial em 1922. Por ser uma tecnologia importada e de alto custo, o rádio era para poucos, além de depender da energia elétrica na época.

Já em 1932, o presidente Getúlio Vargas incentivou a radiodifusão com o decreto que liberou a veiculação de publicidade, favorecendo a estruturação financeira das emissoras. Anos após, dá-se a implantação dos aparelhos televisionados, por Assis Chateaubriand, em 1950.



Foto: Livraria

Mais um ready-made

DIP

1939

Quem primeiro incentivou o avanço das diferentes mídias no Brasil, em 1939 limitou os trabalhos da imprensa. Com a criação do **Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)**, Getúlio Vargas controlava tudo que seria publicado na área da cultura, do jornalismo e da comunicação como um todo.

O DIP era responsável pelos setores de divulgação, radiodifusão, teatro, cinema, turismo e imprensa.

Creado o Departamento de Imprensa e Propaganda

Foto: O Globo

Mais um ready-made

Creado o Departamento de Imprensa e Propaganda

Foto: O Globo

Como está redigido o decreto-lei assinado pelo presidente Getúlio Vargas

O presidente Getúlio Vargas expediu, ontem, o decreto-lei que cria a Secretaria de Imprensa e Propaganda em substituição ao Departamento de Propaganda, criado pelo antigo chefe de Estado.

Artigo 1º — Para criar o Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.), a seguinte declaração substituirá as palavras do original.

Artigo 2º — O D. I. P. terá por fim:

a) — organizar, coordenar, dirigir e supervisionar a atividade de imprensa dentro do âmbito do Brasil; b) — promover, organizar, dirigir e supervisionar a atividade de imprensa no exterior; c) — representar, representar e defender os interesses do Brasil em relação ao comércio de imprensa e outras atividades de imprensa no exterior; d) — criar e manter, de acordo com o plano, as faculdades, escolas, cursos, institutos, centros de estudos e serviços de imprensa, visando a sua formação, ensino e sua difusão, conforme as necessidades do Brasil.

Artigo 3º — O D. I. P. terá por atribuições as seguintes:

Artigo 4º — O D. I. P. será subordinado ao presidente da República, sendo seu chefe o diretor de Imprensa e Propaganda, nomeado pelo presidente da República.

Artigo 5º — O D. I. P. terá por atribuições as seguintes:

Artigo 6º — O D. I. P. terá por atribuições as seguintes:

Artigo 7º — O D. I. P. terá por atribuições as seguintes:

A criação do DIP foi divulgada nos jornais da época através do governo de Getúlio Vargas, com muita presença da censura e limitação da imprensa.

Mais um ready-made

A "Rede da Democracia" - que não lutou pela democracia

1963

Como uma ajuda para derrubar o governo de João Goulart em prol daquilo que conheceríamos como ditadura militar, os principais jornais do país se uniram no primeiro consórcio de veículos de imprensa, que até então, não levava essa classificação. A Rede da Democracia era composta pelos veículos: O Jornal, Jornal do Brasil e O Globo.

Em 1963, quando o Brasil começou a enfrentar o que vinha a ser uma das piores fases para o jornalismo e a democracia, o governo de João Goulart, com a ineficiência do Congresso e a falta de legitimidade política, fez com que os jornalistas se unissem nessa chamada "Rede da Democracia". De forma contraditória, na época, o governo Jango era criticado por tentar implantar o comunismo no país e a imprensa auxiliou no golpe dos militares. Nos dias atuais, entretanto, o governo Bolsonaro é criticado por, supostamente, ter medidas do fascismo, militarismo e nepotismo, e parte da imprensa brasileira é contrária a ele.

De acordo com o professor Maximiliano Vicente, na década de 60 o jornal impresso tinha uma força política

imensa: "essa rede se forma contra João Goulart. [...] A ideia era justificar o andamento do golpe. Esses jornais tinham a finalidade de divulgar notícias contrárias ao governo, em nome da democracia liberal e burguesa."

Afinal, como funciona a democracia?

"Não existe uma definição única [...] Governo do povo e para o povo é um dos elementos da democracia"

- Bruno Pasquarelli, doutor em Ciências Políticas.

O doutor em ciências políticas e professor de Relações Internacionais do UNISAGRADO, Bruno Pasquarelli, cita o escritor Robert Dahl para classificar um sistema democrático: "Aquele que tem acesso eletivo aos cargos do governo, eleições livres, justas e periódicas, cidadania inclusiva – sufrágio – liberdade de expressão. Não adianta ter uma democracia com um voto livre, se não for permitida a liberdade de expressão."

Além disso, para ser classificado como democrático, um sistema político deve ter fontes de informações diversificadas, liberdade de associação de partidos políticos e competição.

Faz parte do senso comum classificar a imprensa como 4º poder por investigar o trabalho dos poderes superiores. Bruno concorda com essa ideia e diz que essa é uma das bases para um sistema democrático:

"A imprensa é o quarto poder, é realmente um componente central de qualquer democracia e é necessário defender essa liberdade de expressão e de imprensa para ter cobrança e análise para a população saber o que está em jogo na política."



Bruno Pasquarelli acredita que a liberdade de imprensa é um fator fundamental para um governo democrático

[Ouça a entrevista na íntegra](#)

Entretanto, no governo de Jair Bolsonaro, a democracia dá sinais de crise. Tentativas de fechamento do Supremo Tribunal Federal (STF) ou os ostensivos ataques ao voto eletrônico, são algumas das ações para tirar a credibilidade do sistema democrático brasileiro.

Não só no nosso país, mas em diversos lugares do mundo se desenrola a crise do sistema político, na qual os governantes corrompem a democracia internamente, deslegitimando as instituições públicas. Pasquarelli acredita que há uma crise da democracia brasileira, por conta do conflito entre os poderes e falta de participação política, além do fato de haver um cerceamento constante da imprensa.

Para o teólogo da Sociologia e da Comunicação, Manuel Castells, em seu livro *Ruptura: a crise da Democracia Liberal*, mais de dois terços dos habitantes do planeta acham que os partidos políticos não os representam, que todos priorizam os próprios interesses, que os parlamentos não são representativos e que os governos são corruptos, injustos, burocráticos e opressivos.

Imprensa versus governos brasileiros: amor ou ódio?

“Quanto mais aberta a maneira como o presidente lida com a imprensa, mais o seu caráter democrático se realça, todas as vezes que o presidente tenta cercear o trabalho da imprensa, faz com que se sobressaia o seu caráter autoritário.”

Imprensa
realização

Carlos Eduardo da Silva, professor de Jornalismo no Insper, para Podcast Politiquês.

O podcast Politiquês, criado pelo [Jornal Nexo](#), traz diversos assuntos da política brasileira e sociedade. No episódio 72, publicado em 2019, o editor-chefe do jornal, Conrado Corsalette entrevistou Carlos Eduardo Lins da Silva, professor do curso de pós-graduação de Jornalismo do Insper. Com o nome "A conturbada relação entre presidentes da República e a imprensa" esse episódio traz um compilado de informações sobre a imprensa brasileira desde o Império. O episódio do podcast pode ser escutado na íntegra no player ao lado.



A missão do jornalista é ser o cão-de-guarda dos governantes, criticando suas atividades e inatividades.

Mas, o que pensam os mandões da sociedade?



Getúlio Vargas (1930-1945)

José Sarney (1985-1990)

Fernando Collor (1990-1992)

Lula (2003-2011)

Dilma Rousseff (2011-2016)

Jair Bolsonaro (2019)

Imprensa
realização

Getúlio Vargas - 1930 a 1945 - foi o pioneiro em se opor abertamente à imprensa. Com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), uma das principais instituições do Estado Novo, era possível perceber a resistência do poder público contra os veículos de comunicação. Tudo, antes de ser publicado, deveria passar por aprovação.

O fim do Estado Novo marcou o início do que seria classificado no futuro como o pior momento para a imprensa brasileira. Com censuras, torturas e difamações contra jornalistas, a ditadura militar foi um período marcante para a história. A principal prova da repressão contra a imprensa pelos militares foi a morte do jornalista Vladimir Herzog, em 1975. A tortura seguida de morte, na época, foi encoberta por um suicídio forjado, que ninguém acreditou, e anos depois foi confirmado o assassinato.

A democracia foi recuperada no Brasil, mas a imprensa nunca deixou de ser criticada pelos seus governantes, o que é contraditório, já que uma imprensa livre é a peça-chave de um governo democrático.



Jornalista Vladimir Herzog teve um suicídio forjado em 1975 na ditadura militar.

José Sarney e Fernando Collor não foram diferentes dos seus antecessores. Na tentativa de controlar

imprensa livre é a peça-chave de um governo democrático.



Jornalista Vladimir Herzog teve um suicídio forjado em 1975 na ditadura militar.

José Sarney e Fernando Collor não foram diferentes dos seus antecessores. Na tentativa de controlar os veículos de comunicação, também existiram episódios marcantes na relação governo e imprensa. Como por exemplo, no governo Collor, quando a polícia federal recebeu ordens para invadir a redação da Folha de S. Paulo. O motivo dessa invasão, em 1990, foi para conferir a cobrança das faturas publicitárias, se estava sendo em cruzados novos ou na moeda recém-criada, o cruzeiro. Segundo a Associação Nacional de Jornais da época, a Folha fazia as cobranças em cruzeiros, mas foi o único jornal invadido.

O presidente Lula também teve conflitos com a imprensa, que criticava constantemente o seu governo. Com o avanço da internet e redes sociais dando força às manifestações de 2013, a sua sucessora, Dilma Rousseff, como era de se esperar, não teve uma relação totalmente tranquila com jornalistas.



Presidente Jair Bolsonaro (sem partido) depois de quase 2 anos em pandemia, ainda insiste em descredibilizar as medidas de proteção contra a Covid-19.

Mais em
realitymag

Mais em
realitymag

Mais em
realitymag

Presidente Jair Bolsonaro (sem partido) depois de quase 2 anos em pandemia, ainda insiste em descredibilizar as medidas de proteção contra a Covid-19. :

Nessa fase, a diferença entre fatos e “Fake News” foi se confundindo cada vez mais, o que só aumentou ao decorrer dos anos e governos seguintes. Jair Bolsonaro, enquanto candidato do PSL, utilizou as redes sociais a seu favor, como arma política, ganhando cada vez mais o apoio popular e consequentemente, vencendo as eleições de 2018. Desde então, sua relação com a imprensa está longe de ser um mar de rosas.

Para contextualizar essa questão é só voltar aos diversos depoimentos dados pelo presidente afrontando os veículos de comunicação, por exemplo, as falas ditas uma semana antes do segundo turno das eleições de 2018:



Mais em
realismo

“Eu sou alvo de canalhas no Brasil [...] Essa globo é uma merda de imprensa. Vocês são uma porcaria de imprensa [...] cala a boca! Vocês fazem um jornalismo canalha que não ajudam em nada.”

– Fala de Jair Bolsonaro à repórter Laurene Santos da TV Vanguarda, afiliada da Globo. (junho, 2021)



Mais em
realismo

Um relatório divulgado pela Fenaj, Federação Nacional dos Jornalistas, analisa que os casos de agressão contra jornalistas em 2020 dobraram em relação ao ano anterior. 11 das 22 ofensas aos jornalistas causadas por agentes públicos foram proferidas pelo presidente Jair Bolsonaro.

Uma reportagem feita pela BBC registrou 9 ataques do presidente aos jornalistas desde sua eleição. Entre os comentários, estão:

“É uma canalhice o que vocês fazem, TV Globo. Uma canalhice, fazer uma matéria dessas em um horário nobre, colocando sob suspeição que eu poderia ter participado da execução da Marielle Franco.”

“Cala a boca, não perguntei nada! Que imprensa canalha, a Folha de S.Paulo. Canalha é elogio para a Folha de S.Paulo”

“Essa imprensa lixo chamada Globo. Ou melhor, lixo dá para ser reciclado. Globo nem lixo é, porque não pode ser reciclada”

Mais em
realismo

Com exceção em julho de 2021, Jair Bolsonaro anteu sobre a lista de Brasiloloxos da Liberdade da

Sem surpresas, em julho de 2021, Jair Bolsonaro entrou para a lista de Predadores da Liberdade de Imprensa, feita pela ONG Repórteres sem Fronteiras. Os modos de predação citados pela organização são insulto, humilhação e ameaças vulgares. A lista tem 37 nomes de chefes de estado ou governo que impõem pressão massiva à liberdade de imprensa.

Pandemia de Covid-19: caos na saúde e na política, organização e colaboração no jornalismo

2020

26 de fevereiro de 2020. Ministério da Saúde confirma o primeiro caso da doença que viria a ser uma das piores pandemias já enfrentadas pelo Brasil e pelo mundo. A Covid-19 foi tomando proporções maiores e batendo recordes diários de mortes rapidamente.

Oxigênio em falta nos hospitais, enquanto pessoas sofrem com falta de ar nas filas por não ter vaga nas UTI's. Junto com o colapso no sistema de saúde, a política decaía cada vez mais. No início do enfrentamento da pandemia, o então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, foi demitido e a partir disso, o que estava em declínio, desmoronou.



Ordem cronológica dos acontecimentos que desencadearam a criação do consórcio de imprensa.

Na gestão de Mandetta no Ministério da Saúde, os dados da doença eram divulgados no período da tarde. Após sua demissão, com Nelson Teich, seu sucessor, a divulgação ocorria até às 19h. Quando o general Eduardo Pazuello assumiu o Ministério da Saúde, houve um apagão no site de controle de dados – que alegaram ser problemas técnicos – e os números da Covid-19 foram divulgados às 22h.

O presidente Jair Bolsonaro criticou o trabalho dos jornalistas desde o começo da pandemia, ainda mais intensamente os profissionais da Globo. No dia 5 de junho de 2020, ao ser questionado por um jornalista da CNN sobre a divulgação atrasada dos dados da pandemia, Bolsonaro disse que é porque “já acabou a matéria do Jornal Nacional”, e ainda alegou que o “pessoal que faz o Jornal Nacional gosta de dizer que o Brasil é recordista em mortes”. Essas falas podem ser observadas no vídeo a seguir:

"Já acabou a matéria do Jornal Nacional"

- Presidente Jair Bolsonaro, 05/06/2020



Material
revisado

No mesmo dia, a Globo divulga uma nota respondendo as falas do presidente e o âncora, William Bonner, a lê durante o jornal. A programação encerra e os dados de Covid-19, naquele dia, não haviam sido divulgados ainda. Até que:

Material
revisado



"Nós dissemos que você teria esses números assim que fossem anunciados e estamos aqui cumprindo o que nós dissemos".

- William Bonner entra em plantão, depois do Jornal Nacional, no dia 5.

Criação do Consórcio dos Veículos de Imprensa

Material
revisado

08 de junho de 2020

A criação do consórcio entre os veículos [Folha de S. Paulo](#), [G1](#), [O Globo](#), [UOL](#), [Estadão](#) e [Extra](#) foi uma resposta às dificuldades que o governo estava impondo, além da própria pandemia – que por si só já traz diversos efeitos colaterais.



O jornalista Daniel Bramatti, editor do Estadão Verifica - núcleo de checagem do Estadão - e um dos idealizadores do consórcio de imprensa, aborda que em casos como esse, o jornalismo colaborativo é muito eficaz e faz muito sentido, ao analisar a economia de recursos em termos de confiabilidade da informação que se passa ao público.

“A criação do Consórcio de Imprensa significa que empresas diferentes e que são concorrentes podem se unir quando existe uma causa de interesse público e quando o próprio trabalho colaborativo é vantajoso para todos.”

- Daniel Bramatti, editor do Estadão Verifica

Bramatti cita que existe um outro grande exemplo de jornalismo colaborativo, no qual foi um dos fundadores - o [Comprova](#). Ainda mais amplo, com mais de 30 veículos diferentes, o projeto é coordenado pela Abraji, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, e tem como meta combater a desinformação nas redes sociais.

“A existência de um jornalismo forte crítico, atuante e independente é fundamental, é essencial

“A existência de um jornalismo forte crítico, atuante e independente é fundamental, é essencial para o funcionamento de qualquer democracia. Sem isso o que se tem é uma imposição de narrativas por parte dos governos e ainda mais quando é um governo autoritário, essa narrativa é sempre parcial e vai sempre buscar dar um panorama róseo do que acontece no país e vai ocultar os principais problemas e inclusive eventuais crimes e irregularidades”, argumenta Daniel Bramatti.

O jornalista do Estadão aborda que todos os jornalistas devem ter noção de que o principal papel é evitar que um projeto autoritário atropela os direitos, tão duramente conquistados, pelo povo brasileiro e que, assim, a sociedade valorize o trabalho dos veículos.

“Nós temos um governo no Brasil que é inimigo do jornalismo, que procura atacar e levar os seus seguidores a atacar profissionais e veículos o tempo inteiro [...] é uma situação de boicote, é muito grave e muito perigosa assistir à esse processo



levar os seus seguidores a atacar profissionais e veículos o tempo inteiro [...] é uma situação de boicote, é muito grave e muito perigoso assistir à esse processo, esperemos que o jornalismo resista e que mais uma vez mostre o seu valor.”

- Daniel Bramatti, editor do Estadão Verifica



Jornalista Daniel Bramatti acredita que governos autoritários são perigosos, e podem ocultar problemas, esvaziar crimes e negligências, e contra os jornais deve-se lutar.

[Ouça a entrevista na íntegra](#)



O editor do DeltaFolha, Fábio Takahashi, relata o principal impulso para a união da imprensa: “foi uma reação às mudanças no Ministério da Saúde, inicialmente era uma mudança no critério de divulgação e depois a plataforma

Meu site
medlyrics



Reportagem: Fábio Takahashi

Jornalista Fábio Takahashi acredita que o papel do jornalismo está sendo muito mais importante no momento atual, com as instituições democráticas sob forte pressão.

O editor do DeltaFolha, Fábio Takahashi, relata o principal impulso para a união da imprensa: “foi uma reação às mudanças no Ministério da Saúde, inicialmente era uma mudança no critério de divulgação, e depois a plataforma simplesmente saiu do ar e não tinha previsão de volta”.

O jornalista da Folha de S. Paulo também ressalta que as instituições democráticas estão sob forte pressão interna e externa e que a imprensa está sendo fundamental para lembrar o papel de cada uma das instituições. “O 4º poder não é uma mera expressão”, finaliza o editor do DeltaFolha.

[Ouça a entrevista na íntegra](#)

Meu site
medlyrics

“Nós seguimos concorrentes, todo mundo competindo pela melhor informação, pelo furo, todos os dias e minutos. Mas por um bem maior, houve essa união para os dados da pandemia, que estavam ameaçados [...] foi uma potência do jornalismo ter criado esse consórcio.”

- Fábio Takahashi, editor do DeltaFolha, Jornalismo de dados da Folha de S. Paulo

Como funciona?

Cada veículo é responsável por recolher os dados de 5 ou 6 estados nas secretarias de saúde e registrar em uma planilha compartilhada. Cada jornal faz o seu lead, o seu texto e recorte das informações.

Mesmo sendo canais de comunicação concorrentes, os jornais online decidiram se unir para lutar pela transparência das informações e contribuir para a manutenção de um governo democrático.

O jornalista Jorge Correa trabalhou no Consórcio dos Veículos de Imprensa, enquanto atuava como

Meu site
medlyrics

O jornalista Jorge Correa trabalhou no Consórcio dos Veículos de Imprensa, enquanto atuava como editor-chefe de Hard News no UOL. Na visão dele, se os jornalistas não se unissem naquele momento, seriam prejudicados com o que estava acontecendo, afinal, é papel dos veículos de comunicação lutar pela transparência de informações: "Mais do que concorrentes, nos vimos em uma situação em que precisávamos nos unir naquele momento. Foi uma defesa do jornalismo profissional".



Jornalista Jorge Correa aborda que os jornalistas se sentiram na obrigação de recolher os dados da pandemia, já que o Governo não estava fazendo o seu papel com êxito.

Mais em
realidade

Embora não tenha sido uma união inédita dos jornalistas no Brasil, levando em consideração "A Rede da Democracia" nos anos 60, dessa vez, o propósito vai além de contrariar o governo atual. Essa junção dos veículos também foi pensada em prol da saúde. Durante a pandemia de Covid-19, o número de infectados e mortes do Brasil sempre foi alarmante, batendo recordes diários. O trabalho dos jornalistas auxiliou no enfrentamento desse momento desafiador.

Um dos coordenadores do Consórcio de Imprensa atualmente, Marcos Sérgio Silva, chefe de reportagem do UOL Notícias, afirma que: "uma das formas de enfrentamento da pandemia é ter acesso aos dados, é saber quantas pessoas morrem e quantas pessoas são infectadas [...] se o governo se nega a oferecer isso de alguma forma, a imprensa pode produzir".



Jornalista Marcos Sérgio Silva aborda que uma parte do enfrentamento da pandemia é ter acesso aos números, por isso, a criação do consórcio.

Mais em
realidade

"Essa união é talvez um marco do jornalismo brasileiro. Os veículos abriram mão da exclusividade para que a gente tivesse acesso à uma informação qualificada e que oferecesse também transparência para a população brasileira em um momento muito

crítico."

por isso, a criação do consórcio.

– jornalista Marcos Sérgio Silva.

O coordenador do Consórcio também explica que esses são dados de contagem pública, os jornais recorrem às secretarias estaduais e distritais de saúde para obter as informações.

Jornalistas independentes também são essenciais na luta contra desinformações na pandemia. A [Agência Lupa](#), primeira agência de fact-checking do Brasil, tem uma página no Instagram em que desmistifica toda informação falsa que é divulgada nas redes sociais.



Mais em
realidade



O engajamento da Agência de fact-checking Lupa cresceu durante a pandemia, com um aumento das publicações diárias de 2 para 5, segundo o portal Meio & Mensagem.

O coordenador de jornalismo da Agência Lupa, Chico Marés, acredita que durante a pandemia de Covid-19 o número de mentiras aumentou muito: "todo evento dessa magnitude tende a gerar um aumento na quantidade de desinformação - guerras, eleições, desastres ambientais, sempre resultam num aumento na quantidade de informações falsas circulando nas redes sociais".

Mais em
redes sociais

Ao ser questionado sobre o trabalho dos jornalistas durante o governo Bolsonaro, o coordenador da Agência Lupa afirma que o papel do jornalismo continua sendo o mesmo de sempre: buscar informações de interesse público, fiscalizar as ações do governo, verificar declarações feitas por agentes públicos, avaliar propostas e analisar dados públicos.

"O que muda é a postura do governo atual em relação ao jornalismo [...] o governo ataca cotidianamente jornalistas que buscam exercer seu papel, e usa toda oportunidade possível para tentar atrapalhar o trabalho da imprensa", finaliza Chico Marés.

O jornalista independente Cristiano Pavini, criador do portal [Farolete](#), também opina sobre o aumento da desinformação: "sempre que tiver algo que engaje a população, vai ter mais Fake News relacionada a esse tema. Nas eleições de 2018 houve um *boom* de desinformação. Em 2020, novamente, com a pandemia, outro *boom* de desinformação. E essa informação falsa não surge do nada."



BBCA



Jornalista Cristiano Pavini acredita que a desinformação nas redes sociais aumentou drasticamente durante a pandemia de Covid-19.

"[...] Apesar de tudo ter sido popularizado no guarda-chuva de Fake News, essas são

Mais em
redes sociais

"[...] Apesar de tudo ter sido popularizado no guarda-chuva de Fake News, essas são (divulgadas por) portais ou manipulação de portais com formato jornalístico e conteúdo falso, o que eu mais vi na pandemia foi desinformação."

– Jornalista Cristiano Pavini

A imprensa livre é um pressuposto de um governo democrático. O jornalista Cristiano Pavini ressalta: "A imprensa ajuda a tirar a máscara de discursos governamentais que são publicitários, em algumas vezes mentirosos, vendendo uma narrativa que não condiz com a realidade."

Mais em
redes sociais

Os veículos de comunicação, segundo o jornalista, fornecem os elementos que a população precisa para ter ciência do que está acontecendo e atuar democraticamente lutando pelos seus direitos.

O Consórcio criado pelos veículos de imprensa foi e está sendo essencial para combater a desinformação e a pandemia do Coronavírus. Mas além de divulgar os dados da doença, os jornalistas também realizaram outra ação que deveria ser do Ministério da Saúde e Governo Federal: a campanha de conscientização da vacinação.

Movimento "Vacina Sim"



Mais sobre
realidade

Na segunda campanha realizada pelo Consórcio dos Veículos de Imprensa, jornalistas, atores e apresentadores fizeram parte do vídeo:



Mais sobre
realidade

Consórcios de Imprensa no Jornalismo Internacional

2006

2016

2021

O conceito de consórcio de veículos de informação não é algo atual se pensado na imprensa internacional. O [Wikileaks](#), por exemplo, é um portal que une jornalistas, ativistas e políticos na busca da verdade. Criada em 2006, a plataforma tem o intuito de investigar a veracidade de informações compartilhadas sobre política e empresas de diversos países.

Além disso, também podemos citar o caso do [Panama Papers](#) em 2016. O Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos realizou uma investigação expondo roubos financeiros e corrupção política da empresa panamenha Mossack Fonseca. Ao todo, foi uma colaboração de 376 jornalistas, 109 veículos de imprensa, em 76 países. A investigação dos dados durou 12 meses.

Ainda mais atual, em outubro de 2021, a maior colaboração jornalística, o [Pandora Papers](#), revelou mais de 11,9 milhões de documentos confidenciais de políticos, empresários, artistas e atletas de elite. São mais de cinco décadas registradas que não se tornariam públicas sem essa investigação dos

Mais sobre
realidade

ente. São mais de cinco décadas registradas que não se tornariam públicas sem essa investigação dos jornalistas. Liderados pelo Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ), alguns parceiros brasileiros são o [El País](#), [Agência Pública](#), revista [Plani](#) e os portais [Metrópoles](#) e [Poder 360](#). Ao todo, são mais de 600 jornalistas, em 117 países, trabalhando em conjunto.

Fato ou Fake News: em quem a população brasileira acredita?

O Instituto Datafolha realizou uma [pesquisa](#), em março de 2020, sobre a confiabilidade da sociedade brasileira nos veículos de imprensa. 56% das pessoas entrevistadas confiam nos jornais impressos, enquanto 61% confiam em programas jornalísticos de TV.



O vírus se espalha rápido. O que se espalha ainda mais rápido são as informações falsas sobre ele: desde formas milagrosas de prevenção do coronavírus, até remédios ineficazes sendo divulgados como cura da doença.

Selecione sua resposta:

como cura da doença.

Selecione sua resposta:

1. Você já acreditou em alguma Fake News sobre o coronavírus?

Sim

Não

Enviar

+ Ou seu próprio formulário

forms app

Em maio de 2020, o [Fantástico](#) divulgou uma pesquisa que diz que mais de 70% dos brasileiros com internet já acreditaram em pelo menos uma Fake News sobre o coronavírus.

Desde 2018, o Ministério da Saúde tem um canal de comunicação chamado "[Saúde sem fake News](#)", com o intuito de confirmar a procedência de informações que estão sendo divulgadas pelas redes sociais. Entretanto, em 2021, o jornal [Nexo](#) divulgou dados de um estudo realizado por pesquisadores do Midiares – Laboratório de Mídia, Discurso e Análise de Redes Sociais – que mostra que 47% do conteúdo de desinformação em análise, durante a pandemia, foi disseminado por autoridades políticas.

Se os poderes superiores, que deveriam divulgar a verdade, ajudam a espalhar Fake News, em quem o povo deve acreditar?

Em 2019, antes do início da pandemia, um [estudo](#) feito pela organização Avaaz em parceria com a Sociedade Brasileira de Imunizações (SbIm) identificou que sete a cada dez brasileiros acreditam em pelo menos uma informação falsa a respeito de vacinação. Para essa conclusão foi feita uma pesquisa com o IBOPE, em todos os estados do país.

Em uma pandemia isso não seria diferente. O número de informações falsas sobre as vacinas contra Covid-19 foi alarmante, inclusive, sendo divulgadas pelo presidente Bolsonaro, como pode ser observado no vídeo a seguir:

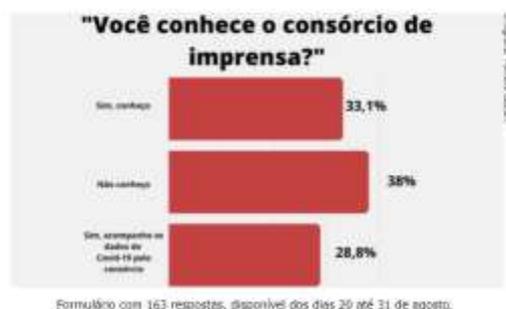
"Se tomar a vacina e virar jacaré [...] eu não tenho nada a ver com isso."

- Presidente Bolsonaro, dezembro de 2020.



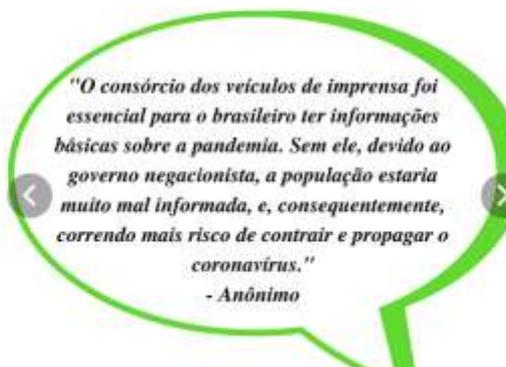
Para a realização desta reportagem hipermedia foi feito um formulário de opinião com a participação de 163 pessoas. O público-alvo eram homens e mulheres, de 18 a 50 anos. Entre as respostas, 61,9% conhecem o Consórcio criado pelos Veículos de Imprensa durante a pandemia, 38% não conhecem.

de 163 pessoas. O público-alvo eram homens e mulheres, de 18 a 50 anos. Entre as respostas, 61,9% conhecem o Consórcio criado pelos Veículos de Imprensa durante a pandemia, 38% não conhecem.



Na opinião daqueles que conhecem o consórcio, 89% - 105 pessoas – consideram útil para informações da pandemia.

Ao final do questionário, foi disponibilizado um campo aberto para que os participantes pudessem opinar sobre a imprensa no atual governo. Há quem apoia, há quem descredibiliza:



Com essas respostas, podemos perceber o impacto do "bolsonarismo" em parte da população brasileira. Os seus eleitores ouvem cegamente a sua opinião sobre a imprensa e reproduzem os mesmos ideais.

Muito além de números e dados, o Brasil perdeu mais de 500 mil vidas durante a pandemia. A união dos jornalistas com a criação do consórcio fez com que muitas famílias continuassem unidas, sem mais vidas perdidas. Esse marco na história da comunicação brasileira claramente trará resultados no futuro, seja através da credibilidade dos jornalistas, das ações dos governantes ou da transparência de informação pública.

O consórcio de imprensa já vem sendo analisado e utilizado como objeto de estudo em trabalhos acadêmicos, um exemplo disso é o documentário desenvolvido por Marcos Cony, intitulado ["Até que a morte una: a criação do consórcio de veículos de imprensa na pandemia"](#).

Jornalista é quem conta histórias. Dessa vez, o jornalista fez a história para ser contada no futuro. A união dos veículos de comunicação representa, a longo prazo, a resistência. Resistência da profissão desvalorizada pelos mandões da sociedade, em meio a tantos conflitos políticos. Resistência da

Jornalista é quem conta histórias. Dessa vez, o jornalista fez a história para ser contada no futuro. A união dos veículos de comunicação representa, a longo prazo, a resistência. Resistência da profissão desvalorizada pelos mandões da sociedade, em meio a tantos conflitos políticos. Resistência da população brasileira em enfrentar uma pandemia, quando nem mesmo o Presidente da República respeitava as indicações da Organização Mundial da Saúde. Resistência do jornalista ao trabalhar constantemente e colocar a vida em risco. O jornalismo vive, resiste e jamais desiste de fazer o seu papel: informar a verdade à população. E por isso, o consórcio de imprensa da pandemia de Covid-19 será lembrado.



Sobre a autora:

Mariana Cestari Marchezani, 22, é graduanda no curso de

reolymac



Sobre a autora:

Mariana Cestari Marchezani, 22, é graduanda no curso de jornalismo do Centro Universitário do Sagrado Coração, na cidade de Bauru-SP.

Esta grande reportagem foi produto do Trabalho de Conclusão de Curso, no ano 2021, orientado pela profª Drª Liliâne de Lucena Ito.

Entre em contato